

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA: GESTALT-TERAPIA E
ANÁLISE EXISTENCIAL

GABRIELA ABREU VELOSO ISIDORO

“A PARTE BOA QUE DÁ CONTA DA PARTE RUIM”: FATORES MOTIVACIONAIS
E PROTETIVOS DE TRABALHADORES HUMANITÁRIOS

BELO HORIZONTE
2025

GABRIELA ABREU VELOSO ISIDORO

“A PARTE BOA QUE DÁ CONTA DA PARTE RUIM”: FATORES MOTIVACIONAIS
E PROTETIVOS DE TRABALHADORES HUMANITÁRIOS

Monografia apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica: Análise Existencial e Gestalt-Terapia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Psicologia Clínica.

Orientador: Prof. Dr. André Luiz Freitas Dias

BELO HORIZONTE
2025

150 Isidoro, Gabriela Abreu Veloso.
I81p "A parte boa que dá conta da parte ruim" [recurso eletrônico]
2025 : fatores motivacionais e protetivos de trabalhadores
humanitários / Gabriela Abreu Veloso Isidoro. - 2025.
1 recurso online (49 f. : il.): pdf.
Orientador: André Luiz Freitas Dias.

Monografia apresentada ao curso de Especialização em
Psicologia Clínica: Análise Existencial e Gestalt-terapia -
Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e
Ciências Humanas.

Inclui bibliografia.

1. Trabalho . 2. Humanitarismo. 3. Motivação no trabalho
4. Decolonialidade. I. Dias, André Luiz Freitas. II. Universidade
Federal de Minas Gerais. Faculdade de Filosofia e Ciências
Humanas. III. Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

Folha de Aprovação

A PARTE BOA QUE DÁ CONTA DA PARTE RUIM": FATORES MOTIVACIONAIS E PROTETIVOS DE
TRABALHADORES HUMANITÁRIOS

GABRIELA ABREU VELOSO ISIDORO

monografia defendida e aprovada, no dia **seis de junho de 2025**, pela Banca Examinadora designada pelo Colegiado do CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA: GESTALT-TERAPIA E ANÁLISE EXISTENCIAL da Universidade Federal de Minas Gerais constituída pelos seguintes professores:

André Luiz Freitas Dias - Orientador

FAFICH/UFMG

Paulo Eduardo Rodrigues Alves Evangelista

FAFICH/UFMG

Belo Horizonte, 02 de julho de 2025.

Prof. Dr. Paulo Eduardo Rodrigues Alves Evangelista

Coordenador do Curso



Documento assinado eletronicamente por **Paulo Eduardo Rodrigues Alves Evangelista**,
Coordenador(a) de curso de pós-graduação, em 03/07/2025, às 11:29, conforme horário oficial de
Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site
[https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?
acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0](https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **4344050** e
o código CRC **24DEB4BA**.

*A todos aqueles que toparam o encontro,
generosos em confiar-me seus
desassossegos e suas esperanças.*

*Ao meu amado irmão João Lucas (in
memoriam), que mantém viva a parte boa.*

*Aos meus pais, Eveline e Renato, e ao meu
pai do coração, Leandro, que me dão
suporte para viver também a parte ruim.*

No novo tempo

Apesar dos castigos

De toda a fadiga

De toda a injustiça

Estamos na briga

Pra nos socorrer

[...]

Pra que nossa esperança

Seja mais que vingança

Seja sempre um caminho

Que se deixa de herança

[...]

No novo tempo

Apesar dos perigos

A gente se encontra

Cantando na praça

Fazendo pirraça

Pra sobreviver

(Ivan Lins)

RESUMO

O presente trabalho buscou investigar qualitativamente os fatores de motivação e proteção associados aos trabalhadores humanitários por meio de uma revisão integrativa da literatura científica internacional dos últimos cinco anos. Foram selecionados onze artigos, de cuja análise extraiu-se dois eixos principais compostos por diferentes temáticas: a) esfera intra e interpessoal: espiritualidade, desenvolvimento de competências e autocuidado; b) esfera organizacional: condições e recursos de trabalho, e processos e ambientes laborais. Tais resultados foram, em seguida, discutidos à luz da fenomenologia existencial, destacando-se a importância do processo de elaboração de sentidos (ser-no-mundo) e das relações interpessoais (ser-com-o-outro). Por fim, refletiu-se sobre a não neutralidade e a dimensão política inerentes à pesquisa científica, à clínica psicológica e à saúde coletiva, enfatizando-se a necessidade de se adotar uma postura crítica na produção de conhecimento, no exercício clínico e na elaboração de tecnologias de cuidado em saúde. Com isso, espera-se contribuir para o combate à individualização de sofrimentos decorrentes de questões estruturais, bem como à restrição velada do cuidado a determinadas populações em detrimento de minorias cujas narrativas permanecem abafadas.

Palavras-chave: trabalhador humanitário; fator motivacional; fator protetivo; fenomenologia existencial.

ABSTRACT

This study sought to qualitatively investigate the motivational and protective factors associated with humanitarian workers through an integrative review of the international scientific literature from the last five years. Eleven articles were selected, from which two main axes were extracted with their respective subthemes: a) the intra and interpersonal sphere: spirituality, skills development and self-care; b) the organizational sphere: working conditions and resources, and work processes and environments. These results were then discussed in the light of existential phenomenology, highlighting the importance of the meaning-making process (being-in-the-world) and interpersonal relationships (being-with-the-other). Finally, we reflected on the non-neutrality and political dimension inherent in scientific research, clinical psychology and collective health, emphasizing the need to adopt a critical stance in the production of knowledge, clinical practice and the development of health care technologies. By this means, we hope to help combat the individualization of suffering resulting from structural issues, as well as the veiled restriction of care to certain populations to the detriment of minorities whose narratives remain muffled.

Keywords: humanitarian aid worker; motivational factor; protective factor; existential phenomenology.

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| INTRODUÇÃO..... | 9 |
| 1 AJUDA HUMANITÁRIA EM TEMPOS DE CRISE..... | 12 |
| 1.1 Breve preâmbulo sobre o setor e os princípios humanitários..... | 12 |
| 1.2 Considerações sobre o trabalho humanitário e um setor em crise..... | 13 |
| 2 CONSIDERAÇÕES SOBRE O HUMANO NA PERSPECTIVA FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL..... | 17 |
| 2.1 Concepção de homem na ótica existencial..... | 17 |
| 2.1.1 Ser-no-mundo: existir é estar-em-relação..... | 17 |
| 2.1.2 Ser de possibilidades: existir é estar em aberto..... | 18 |
| 2.1.3 Ser-com-os-outros: existir é encontro..... | 20 |
| 2.2 Concepção de saúde e doença na ótica existencial..... | 20 |
| 2.2.1 Doença: restrição de possibilidades e inautenticidade..... | 20 |
| 2.2.2 Saúde: elaboração de sentidos e autenticidade..... | 21 |
| 2.2.3 A motivação enquanto objeto de pesquisa de um ponto de vista existencial.... | 22 |
| 3 REVISÃO DE LITERATURA: MÉTODOS E RESULTADOS..... | 24 |
| 3.1 Procederes metodológicos..... | 24 |
| 3.2 Resultados..... | 25 |
| 4 DISCUSSÃO À LUZ DA FENOMENOLOGIA EXISTENCIAL..... | 36 |
| 4.1 Ser-no-mundo: motivação e proteção através do processo de elaboração de sentidos..... | 36 |
| 4.2 Ser-com-os-outros: motivação e proteção através do outro e dos valores coletivos..... | 37 |
| 4.3 Ser-no-mundo-que-bate-ponto: motivação e proteção não são preocupações individuais..... | 38 |
| 4.4 Ser-no-mundo é para todo mundo? Motivação e proteção para alguns, num mundo de poucos..... | 40 |
| 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 44 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS..... | 47 |

INTRODUÇÃO

Uma das coisas que tenho aprendido tateando caminhos no setor humanitário é que fazemos o que podemos, e que, embora pareça pouco, o possível pode ser muito. É certa e dolorosamente pouco diante da magnitude de tragédias e desigualdades que contam a história de um mundo acidentado, profundamente marcado pela perversidade de mecanismos que exploram e desautorizam existências que se deseja manter a margem. Mas pode ser muito numa troca de olhares, de palavras, de silêncios, de afetos. Portanto, ainda que seja pouco, sigo apostando no muito. Não sem algumas frustrações, é claro, resultantes do hiato entre o idealismo esperançoso, pecado preferido da minha juventude sonhadora, e a realidade de um mundo em que poucos são aqueles a quem se é permitido sonhar. “Você ainda vai entender”, dizem-me os mais experientes. Pois cá estou eu, obediente, buscando entendimentos e pistas para novas possibilidades diante da miscelânea de sentidos com os quais tenho estado às voltas a partir do momento em que iniciei minhas atividades num serviço de aconselhamento psicológico voltado para trabalhadores humanitários.

Desde então, meus pensamentos passaram a alojar múltiplas indagações sobre as formas mais efetivas de contribuição da clínica psicológica para a concepção e oferta de cuidados aos profissionais do setor humanitário. Tenho sido profundamente tocada pelas experiências de todos que passam pelo aconselhamento, tornando o meu trabalho de escuta desassossegado e significativo. O desassossego, filho de minhas tendências naturais à inquietação, era inevitável diante do desnível entre o que me parecia necessário de ser feito e o que estava de fato ao meu alcance. Já o significado foi sendo tecido aos poucos, costurado por afetos que hoje compõem uma trama demasiadamente extensa para o corpo reduzido desta monografia. Portanto, dela expresse apenas a parte mais essencial: apostar na abertura de espaço para as narrativas de quem trava uma luta frequentemente já perdida para fazer o pouco virar muito.

O que mais me tocou nos relatos desses profissionais foram as mesclas de frustração e motivação, de dor e esperança, de desistência e resistência que me remetiam a aspas nas quais gosto de depositar minha fé em tempos árduos. Dizem elas que

“essas coisas não se separam. O lugar que dói é o mesmo que sente arrepios. É no corpo, no amor e na liberdade de escolher as coisas que a

gente fica inteiro ou despedaçado. Então, pede para a parte boa dar conta da parte ruim” (Madeira, 2020, p.130).

Entendendo a “parte boa” como as experiências e os sentidos que nos ancoram à vida, proponho traduzi-la, em moldes conformes à academia e a partir do repertório dos Descritores de Ciências da Saúde (DeSH), pelos conceitos de motivação e fatores protetivos. É dessa “parte boa” – em termos menos palatáveis à alma, fatores motivacionais e protetivos – que trata a presente monografia.

Com a missão de prestar assistência em condições particularmente adversas a populações em situação de extrema vulnerabilidade, os profissionais que atuam no setor humanitário contam com recursos escassos para realizar um trabalho em que tudo é urgente e cujas únicas garantias costumam ser a sobrecarga de trabalho e o sentimento de impotência (ASGARY, 2020; ELNAKIB et al., 2021; KALLSTRÖM et al., 2022; KHAN et al., 2023; MCCORMACK; LOWE, 2022; PORTER et al., 2021). Não raro os cenários em que esse drama se dá são de completa devastação, deixando marcas profundas que podem se converter em quadros de traumatização e variadas patologias físicas e mentais (Cameron et al., 2024). Além disso, certas operações, especialmente as que envolvem conflitos armados, apresentam grande periculosidade e trabalhadores humanitários têm sido cada vez mais vítimas de atos de violência que podem, em última instância, lhes custar a vida. O ano passado (2024) foi registrado como o mais perigoso da história para esses profissionais, culminando em 281 mortos e 525 feridos para além dos casos subnotificados de sequestros e prisões (BRECKENRIDGE et al., 2024).

Essa realidade é ainda mais preocupante diante da multiplicação vertiginosa do número de emergências humanitárias nos últimos anos, que intensificam os níveis de desigualdades na mundo e crescem o número de pessoas atingidas pela fome, mortalidade materna e infantil, crises sanitárias, violências de gênero e raciais, dentre outros. No ano de 2025, estima-se em mais de 307 milhões o número de pessoas em necessidade de assistência humanitária urgente (UNITED NATIONS OFFICE FOR THE COORDINATION OF HUMANITARIAN AFFAIRS, 2024). Para responder a esse cenário, o número de trabalhadores humanitários atuando em países afetados por tais crises foi mais que duplicado nos últimos dez anos, estimado em mais de 632 000 pessoas no ano de 2022 (ACTIVE LEARNING NETWORK FOR ACCOUNTABILITY AND PERFORMANCE IN HUMANITARIAN ACTION, 2022).

Inversamente, o financiamento de operações humanitárias está em declínio e vem sendo cada vez mais ameaçado, a exemplo das decisões tomadas em janeiro

de 2025 pelo governo norteamericano, responsável por 47% do custeio total dos projetos realizados em 2024 (UNITED NATIONS OFFICE FOR THE COORDINATION OF HUMANITARIAN AFFAIRS, 2024). Mergulhando um setor já fragilizado num clima de ainda maior instabilidade, o congelamento temporário da quase totalidade do financiamento americano para missões humanitárias em curso atingiu imediatamente milhões de pessoas em programas que tiveram suas atividades interrompidas, deixando beneficiários desamparados e profissionais desempregados (KENT, 2025).

Em suma, todo o contexto que permeia o trabalho humanitário é potencialmente adoecedor, e isso tem se refletido na saúde física e mental dos profissionais (FOO; VERDELI; TAY, 2021; FRIESEN, 2016; HOULDEY, 2019). Esta é uma realidade sobre a qual urge-se intervir, mas por onde começar? O que pode a clínica psicológica diante desse sofrimento? Em meus atendimentos com trabalhadores humanitários, tenho percebido efeitos terapêuticos significativos ao acompanhá-los na identificação dos sentidos e dos recursos que os mobilizam e os tornam menos propensos a desenvolver processos psicopatológicos. Esta impressão ressoa com um entendimento presente na literatura científica acerca da relevância dos fatores motivacionais e protetivos para a concepção de intervenções psicológicas voltadas para profissionais do setor humanitários (FRIESEN, 2023; KHAN et al., 2023; PORTER et al., 2021; WHITTENBURY et al., 2025).

Dessa forma, o presente estudo buscou investigar os fatores de motivação e proteção associados aos profissionais do setor humanitário através de uma revisão integrativa da literatura científica internacional dos últimos cinco anos. Para tanto, realizou-se um levantamento no Portal Periódicos CAPES e no Google Scholar de artigos e capítulos de livros publicados entre 2020 e 2025, que abordam qualitativamente as motivações de trabalhadores humanitários e os fatores que os protegem do adoecimento. Este trabalho foi estruturado em quatro capítulos. Os dois primeiros foram dedicados a considerações sobre o trabalho humanitário e a fenomenologia existencial, respectivamente, no intuito de pavimentar as bases epistemológicas a partir das quais os achados da revisão de literatura foram discutidos. Estes últimos se encontram no terceiro capítulo, seguido por uma reflexão final à luz da fenomenologia existencial apresentada no quarto e último capítulo.

1 AJUDA HUMANITÁRIA EM TEMPOS DE CRISE

1.1 Breve preâmbulo sobre o setor e os princípios humanitários

Entende-se por ajuda humanitária ações que visam a prestar assistência a pessoas atingidas por crises e desastres humanos ou naturais, com vistas a preservar a vida, amenizar o sofrimento e salvaguardar a dignidade humana. Elas podem ser realizadas com recursos do próprio país ou contar com o financiamento de governos ou instituições de outros países, que compõem o setor humanitário internacional (ACTIVE LEARNING NETWORK FOR ACCOUNTABILITY AND PERFORMANCE IN HUMANITARIAN ACTION, 2022; INTER-AGENCY STANDING COMMITTEE, 2015).

Esse último abarca as agências das Nações Unidas, que organizam e coordenam a maior parte das respostas humanitárias, bem como organizações governamentais e não governamentais de diversos portes – desde associações locais até redes globais como a Federação Internacional das Sociedades da Cruz Vermelha e do Crescente Vermelho (FICV) ou Médicos Sem Fronteiras (MSF) (FRIESEN, 2016; PILLAY, 2019).

As ações humanitárias são pautadas numa série de premissas que balizam e regulam as operações, de forma a assegurar o respeito por determinados valores entendidos como fundamentais para a atuação neste setor. Derivados dos estatutos da FICV, reconhece-se como princípios humanitários a humanidade, a imparcialidade, a neutralidade e a independência (INTER-AGENCY STANDING COMMITTEE, 2015). Friesen (2016) nos propõe compreendê-los em dois tempos. Por um lado, explicitando as motivações primárias e disposições gerais da ajuda humanitária, os dois primeiros referem-se, respectivamente: 1) ao imperativo de proteger a vida, restabelecer a saúde e garantir o respeito diante de qualquer forma de sofrimento humano; e 2) orientar tal imperativo exclusivamente pela necessidade e caráter de urgência, sem distinção de nacionalidade, raça, gênero, crença religiosa, classe socioeconômica ou orientação política. Por outro lado, para alcançar tais objetivos, os outros dois princípios instituem: 3) a recusa em tomar partido em divergências e conflitos políticos, militares, ideológicos, religiosos ou raciais, e 4) a recusa em vincular-se a qualquer tipo de interesse político, econômico, militar, dentre outros, que possa haver na participação de determinados atores (FRIESEN, 2016; INTER-AGENCY STANDING COMMITTEE, 2015).

1.2 Considerações sobre o trabalho humanitário e um setor em crise

Embora não haja delimitações claras a respeito desta categoria, costuma-se designar por trabalhadores humanitários pessoas que prestam assistência a populações atingidas por desastres naturais, conflitos armados, crises migratórias e socioeconômicas, emergências de saúde pública, e outras circunstâncias que ameaçam a saúde, a vida e a dignidade humana. Trata-se de um grupo amplamente heterogêneo, que compreende voluntários e empregados remunerados por organizações locais, de outros países ou internacionais, com variados graus de instrução, exercendo as mais diversas funções e atividades profissionais in loco ou à distância. Estas variam desde a distribuição de mantimentos num campo de refugiados até o planejamento estratégico de operações em escritórios localizados em outros continentes (MONTAULTI, 2023; PILLAY, 2019).

Tendo em vista a extensa gama de possibilidades dentro do trabalho humanitário, alguns recortes precisam ser feitos para compreender melhor as experiências singulares. Uma distinção comumente realizada é entre trabalhadores humanitários locais (ou nacionais) e internacionais, sendo os primeiros profissionais originários e habitantes da região afetada pela crise, e, os segundos, profissionais de outras nacionalidades temporariamente expatriados para atuar na operação. Optou-se por não incluir os trabalhadores voluntários nesta revisão, uma vez que suas motivações, necessidades e relações com as organizações se distanciam muito daquelas experienciadas por profissionais remunerados por agentes do setor humanitário – contexto importante para o foco do presente trabalho.

Nos últimos anos, tem-se discutido com maior afinco sobre o adoecimento psíquico dos trabalhadores humanitários. Pesquisas empíricas esparsas já apontaram para a incidência, em profissionais atuando em diversos contextos humanitários, de transtornos depressivos e ansiosos, da síndrome de Burnout, de transtornos de estresse pós-traumático e relacionados ao abuso de substâncias, dentre outros (CAMERON et al., 2024; FOO; VERDELI; TAY, 2021). Para compreender esse fenômeno, é de fundamental importância atentar para todos os tipos de fatores de riscos psicossociais aos quais esses profissionais estão expostos. Essa postura precisa ser enfatizada para não individualizar e mascarar questões estruturais, isto é, atribuir sofrimentos decorrentes de dinâmicas perversas de funcionamento de um sistema a fragilidades soltas individuais (HOULDEY, 2019; KHERA; WELTON-MITCHELL; MITCHELL, 2024). Esse apontamento é

especialmente pertinente no que tange ao trabalho humanitário, uma vez que, por se dar em contextos intrinsecamente desafiadores e potencialmente traumáticos, esse tipo de distorção é comum (HOULDEY, 2019).

Estudos recentes já evidenciaram correlações entre o sofrimento psíquico de trabalhadores humanitários e a presença de estressores psicossociais no contexto organizacional, denunciando práticas e estruturas adoecedoras (FOO; VERDELI; TAY, 2021). No que concerne às condições de trabalho desses profissionais, é frequente a sobrecarga de trabalho, decorrente de equipes reduzidas e com alta rotatividade (ELNAKIB et al., 2021; KALLSTRÖM et al., 2022). As estruturas e os recursos de que dispõem são, muitas vezes, inadequados ou insuficientes, o que pode inviabilizar determinadas atividades ou prejudicar a proteção da saúde física dos profissionais (ELNAKIB et al., 2021; KALLSTRÖM et al., 2022; KHAN et al., 2023; PORTER et al., 2021). A isso, somam-se regimes contratuais temporários que oferecem pouca segurança e eventuais cortes salariais decorrentes de problemas de financiamento da operação (ELNAKIB et al., 2021; KALLSTRÖM et al., 2022). Estas dificuldades são ainda potencializadas de acordo com o tipo de emergência humanitária com o qual se está lidando, dado que cada contexto comporta seus desafios específicos: riscos de ataques potencialmente fatais durante conflitos armados, riscos de contágio em meio a epidemias ou pandemias, etc. (ASGARY, 2020; ELNAKIB et al., 2021; KALLSTRÖM et al., 2022; KHAN et al., 2023; PORTER et al., 2021)

Além disso, ainda no escopo dos estressores psicossociais, apenas recentemente tem-se problematizado as múltiplas formas de discriminação que permeiam o setor humanitário e contribuem para o adoecimento psíquico de seus profissionais. Essa temática foi recentemente abordada em algumas dissertações de mestrado e doutorado de trabalhadores humanitários com longos anos de atuação internacional. A partir de suas experiências, os autores nos convocam para reflexões a respeito da orientação eurocêntrica e das dinâmicas coloniais regentes do setor humanitário, as quais reproduzem estruturas de dominação e abusos de poder herdados do imperialismo ocidental (HOULDEY, 2019; OLIVEIRA, 2021; PILLAY, 2019). É o que Houldey (2019) denuncia ao nos provocar sobre o hiato entre a imagem costumeiramente midiaticizada do profissional humanitário – homem branco, com traços europeus, em meio à miséria e à desnutrição no continente africano – e a realidade do setor humanitário, composto por mais de 90% de trabalhadores locais

(ACTIVE LEARNING NETWORK FOR ACCOUNTABILITY AND PERFORMANCE IN HUMANITARIAN ACTION, 2022).

No que concerne a esse cenário profundamente marcado pela herança colonial, tem-se discutido a respeito das disparidades das condições de trabalho entre profissionais internacionais e locais. Elas se manifestam de forma mais ou menos escancarada, através, por exemplo, das remunerações e benefícios concedidos aos colaboradores, das oportunidades de evolução de carreira, da atribuição de funções de alto risco, dentre outros (ELNAKIB et al., 2021; FRIESEN, 2023; HOULDEY, 2019; KALLSTRÖM et al., 2022). Estas diferenças têm sido interceptadas por análises estatísticas recentes, como uma pesquisa realizada em 2021 pelo *Center for Global Development*. Participaram dela quinze grandes organizações internacionais, cujos conselhos diretores eram compostos por mais de 70% de pessoas brancas, sendo que menos de 20% dos membros provinham de países autorizados a receber operações humanitárias. Destes 20%, menos de 2% tinham alguma experiência de vida em contextos humanitários e nenhum representava populações que estavam vivenciando crises humanitárias naquele momento (WORDEN; SAEZ, 2021).

Todo esse contexto tem reverberado negativamente no setor humanitário, que vem sofrendo duras críticas apontando para a contradição entre sua missão e seus valores pretendidos, e o que sua estrutura e suas dinâmicas internas revelam. Esses apontamentos se inscrevem no escopo de uma crítica ainda mais profunda da ajuda humanitária, que questiona até mesmo os princípios citados no início deste capítulo e coloca em xeque a real efetividade e os verdadeiros propósitos¹ das operações (KHERA; WELTON-MITCHELL; MITCHELL, 2024; OLIVEIRA, 2021; PILLAY, 2019). Em meio a esse cenário, as agências das Nações Unidas (ONU) e outras organizações já empreenderam ações na tentativa de oferecer suporte e promover a saúde mental de seus colaboradores, como também de operar mudanças no que tange às desigualdades entre trabalhadores do Norte e Sul Globais (FOO; VERDELI; TAY, 2021; UNITED NATIONS, 2023). No entanto, o clima é de ceticismo em relação às possibilidades reais de transformação – descrença agravada pela relutância de boa parte das organizações em compartilhar dados de mapeamento necessários

¹Estimou-se importante citar esta questão, mas ela não será explorada neste trabalho, que se quer concentrado mais nos trabalhadores humanitários e menos no setor como um todo.

para a avaliação dessas iniciativas (ACTIVE LEARNING NETWORK FOR ACCOUNTABILITY AND PERFORMANCE IN HUMANITARIAN ACTION, 2022).

As considerações tecidas ao longo deste capítulo ecoam com a subrepresentação das experiências dos profissionais humanitários locais na literatura acadêmica, tanto como autores, quanto como parte das amostras de pesquisas (FRIESEN, 2016; HOULDEY, 2019). Com efeito, o acervo científico relativo ao trabalho humanitário é majoritariamente composto por estudos que investigam experiências de colaboradores internacionais originários de países do Norte Global (ELNAKIB et al., 2021; FRIESEN, 2023; HOULDEY, 2019; KALLSTRÖM et al., 2022). Estes últimos têm conquistado também as livrarias, com publicações de livros autobiográficos, ao passo que as histórias de trabalhadores locais, provenientes do Sul Global, permanecem pouco contadas (FRIESEN, 2023; HOULDEY, 2019). Sabemos, no entanto, que muitas dessas histórias não contadas são de profundo sofrimento, potencializado pela própria interdição de ser contado e, portanto, ouvido e compreendido – pelo outro e por si próprio. Ora, como veremos no próximo capítulo, o direito de narrar caminha lado a lado com o direito de existir.

2 CONSIDERAÇÕES SOBRE O HUMANO NA PERSPECTIVA FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL

2.1 Concepção de homem na ótica existencial

2.1.1 Ser-no-mundo: existir é estar-em-relação

Na perspectiva fenomenológico-existencial, entende-se que somos seres-no-mundo, fruto de nossas interações com as coisas, com os outros e conosco mesmos. A ênfase não está no ser, nem no mundo, uma vez que estes não se separam: ela está na relação entre os dois. No seio desta, produzimos significados construídos e compartilhados sociohistoricamente, o que nos permite habitar e nos reconhecer num mundo comum (VIAL ROEHE; DUTRA, 2014). Este último é composto por quatro dimensões – física, social, psicológica e espiritual – a partir das quais a existência se manifesta e vivenciamos nossas possibilidades e restrições. Naturalmente, tais dimensões não são apartadas e herméticas: seus entrelaçamentos são vivenciados de forma singular, de acordo com as histórias, os significados e os modos de existir de cada um (LUCZINSKI; ANCONA-LOPEZ, 2010; VAN DEURZEN, 2014).

A dimensão física se refere aos aspectos biológicos da existência, isto é, às idiosincrasias do corpo, às condições de saúde física e mental, aos impactos do tempo e do ambiente sobre as funções fisiológicas e cerebrais, etc. Já a dimensão social abarca as relações interpessoais, através das quais nos constituímos, somos reconhecidos e nos diferenciamos, construímos laços significativos, vivenciamos a colaboração e compartilhamos projetos e causas. A dimensão psicológica, por sua vez, diz respeito à nossa relação conosco mesmos: à autopercepção e identificação dos nossos recursos internos, às nossas compreensões acerca de experiências passadas, presentes e de projeções de futuro, ao reconhecimento das nossas potencialidades e limitações, das nossas ambiguidades e dos nossos dilemas. Por fim, a dimensão espiritual concerne à nossa capacidade de elaborar e atribuir significados refletindo sobre a nossa existência, e à nossa relação com a transcendência. Deste domínio reflexivo, surgem valores, crenças e propósitos, que serão moldados ao longo da vida (LUCZINSKI; ANCONA-LOPEZ, 2010; VAN DEURZEN, 2014).

Como pontuado, essas dimensões não são vivenciadas separadamente: elas se confundem, se influenciam mutuamente e se integram na composição de um ser bio-psico-sócio-espiritual (LUCZINSKI; ANCONA-LOPEZ, 2010). Elas também não

são meras categorias, e sim terrenos vivos que habitamos através de disposições afetivas, também vivas e em constante atualização. Esta dimensão afetiva nos torna capazes de reconhecer o que nos importa, isto é, de tomar consciência do que nos interessa, nos interpela e nos convoca ao movimento (VIAL ROEHE; DUTRA, 2014). Em outras palavras, não nos relacionamos com as coisas de forma estéril ou asséptica: tudo o que pensamos e fazemos está, ao contrário, “contaminado” pelos afetos que revestem esses pensamentos e essas ações.

Além disso, uma particularidade importante da consciência é sua dimensão relacional, designada pelo conceito de intencionalidade: ter consciência é sempre ter consciência de algo. Este é o sentido dos hífens nos termos “ser-no-mundo”, “ser-com-os-outros”, etc. Eles significam que não existimos no vazio, mas sempre em relação. Isto quer dizer que não vivenciamos nossos sentimentos encapsulados dentro de um dispositivo intrapsíquico que sofre ou se exalta por conta própria, e pinta de cores mais frias ou mais quentes o mundo externo de acordo com seu estado emocional (EVANGELISTA, 2015). Não existe emoção desvinculada do mundo, nem mundo desvinculado de emoção (uma vez que, quando percebemos o mundo, já o percebemos através dos nossos sentidos e afetos). Isto implica que qualquer tipo de experiência humana precisa ser pensada no contexto em que ela se dá (AMATUZZI, 2018). Esta afirmação, embora aparente uma certa abstração, tem implicações práticas (e políticas) importantes para as reflexões que se pretende levantar com esta monografia.

2.1.2 Ser de possibilidades: existir é estar em aberto

Uma das características eminentemente humanas é que possuímos uma relação com a nossa própria existência e seu caráter de possibilidade, com o qual somos convocados a nos haver. Somos os únicos responsáveis pelo nosso existir e sabemos disso. Este não é um saber puramente cognitivo, e sim vivencial: ele se concretiza intuitivamente em movimento, em nossa liberdade de escolher e nos responsabilizar pelas nossas escolhas (VIAL ROEHE; DUTRA, 2014). É importante esclarecer que essa liberdade não é entendida ingenuamente como uma ausência de limites: ser livre não é poder tudo o que se quer. A liberdade se materializa na facticidade, isto é, dentro dos limites impostos por restrições de toda sorte, seja no âmbito individual (a nível biológico, cognitivo, ambiental, etc.), seja no âmbito

coletivo (pelos contextos histórico, cultural, político, econômico, etc.) (TEIXEIRA, 2006; VIAL ROEHE; DUTRA, 2014).

É nessa condição de liberdade que o homem constrói seu projeto existencial, que pode ser definido como uma espécie de bússola orientadora que integra as vivências de passado, presente e futuro numa narrativa de vida coerente. Ele se manifesta através dos nossos sentimentos, pensamentos, discursos e atos – unificando, assim, nossas dimensões afetivas, cognitivas e comportamentais. Nesse sentido, nossas escolhas refletem nosso projeto existencial, que se desdobra num constante devir e toma corpo por meio de um processo de construção permanentemente inacabado (GOULART, 2021; TEIXEIRA, 2006).

Ora, enquanto seres de projeto cuja única estabilidade reside na incompletude, assumir esse constante gerúndio pelo qual temos de nos responsabilizar pode ser gerador de uma ansiedade profundamente perturbadora (GOULART, 2021; TEIXEIRA, 2006). Na tentativa de tamponá-la, mantemos-na velada, ao passo que buscamos refúgio no terreno do impessoal, isto é, num modo de existência desvinculado dos nossos sentidos singulares. Assim, orientando-nos por referências externas, amortecemos a angústia pela nossa responsabilidade individual e sustentamos uma ilusão de permanência e controle (GOULART, 2021; VIAL ROEHE; DUTRA, 2014). Contudo, o que é encoberto enseja eventualmente revelar-se e, novamente visitados pela angústia, somos convidados a romper a alienação em que nos encontrávamos (GOULART, 2021). Esta ruptura implica confrontar-nos com os dados da existência, isto é, com as premissas fundamentais e incontornáveis que regem a existência humana: a consciência da morte, da liberdade, da solidão e da falta de sentido (TEIXEIRA, 2006).

Defrontar-se com essas premissas fundamentais é um passo necessário para ressignificar a nossa relação com o absurdo da existência, atribuindo-lhe novos sentidos que inaugurem novas possibilidades (GOULART, 2021; TEIXEIRA, 2006). Este ato reflexivo reflete a liberdade humana em sua plena potência, uma vez que, embora as restrições que limitam a nossa existência fujam do nosso alcance, cabe-nos escolher como lidar com elas (LUCZINSKI; ANCONA-LOPEZ, 2010; TEIXEIRA, 2006). Os sentidos e as atitudes gestados nesse movimento honesto de ressignificação materializam o que se entende por autenticidade: postura que implica reconhecer as limitações e potencialidades inerentes à existência ao passo que se

busca por modos singulares de existir que honrem nossos próprios valores e propósitos (VAN DEURZEN, 2014).

2.1.3 Ser-com-os-outros: existir é encontro

É importante frisar que esse processo de construção de modos de ser autênticos acontece forçosamente no âmbito do ser-com-o-outro. Dada a nossa natureza essencialmente dialógica, compreende-se que é no estar-com que nos constituímos e formamos a nossa singularidade. É através do olhar do outro que posso enxergar a mim mesmo, naquilo que me aproxima e naquilo que me diferencia dele. Com seu reconhecimento e sua confirmação, inauguro minha existência, que é, na realidade, co-existência (HYCNER; JACOBS, 1997; LUCZINSKI; ANCONA-LOPEZ, 2010). Naturalmente, lembrando nossa condição de seres-no-mundo, essa dimensão relacional do tornar-se si mesmo não se dá entre quatro paredes, num espaço apartado do ambiente em que nos encontramos. Ao contrário, essas interações se darão dentro de um contexto histórico e cultural que exercem grande influência em nossos modos de nos relacionar (LUCZINSKI; ANCONA-LOPEZ, 2010).

2.2 Concepção de saúde e doença na ótica existencial

2.2.1 Doença: restrição de possibilidades e inautenticidade

As práticas psicológicas apoiadas na fenomenologia existencial procuram compreender o adoecimento situando-o no contexto particular da existência. Ao invés de investigar sintomas a partir de manuais nosológicos que classificam o que se entende normativamente por psicopatológico, busca-se captar os significados do adoecer relacionados ao ser-no-mundo (TEIXEIRA, 1997). Desse modo, as perspectivas existenciais posicionam-se na contracorrente de posturas epistemológicas que circunscrevem o processo saúde-doença a disfunções biológicas individuais, pois não se acredita numa unidade autônoma que se basta, adoecendo e se recuperando em total desvinculação de suas relações. Ao contrário, concebe-se o adoecimento como um fenômeno que acontece dentro das teias relacionais que entrelaçam o homem, o mundo e os outros numa trama de sentidos que os constituem dialogicamente (GOULART, 2021; VIAL ROEHE; DUTRA, 2014).

De maneira geral, os autores existencialistas entendem que adoecemos ao nos distanciar de nós mesmos, tornando-nos, assim, incapazes de dar sentido às nossas vivências, nos conectar com nossos valores e honrar o nosso projeto

existencial. Nossa visão das nossas limitações e potencialidades, mas também da facticidade da nossa existência, sofre um estreitamento que restringe nossos modos de existir. De tal forma constrictos, incapazes de nos haver com os dados da existência, não vislumbramos outros caminhos possíveis (TEIXEIRA, 1997; VAN DEURZEN, 2014). Assim, nos furtamos de exercer plenamente nossa liberdade de escolha e nos colocamos em dívida com nossa responsabilidade existencial (VIAL ROEHE; DUTRA, 2014). Alienados de nós mesmos, nos alienamos também em relação ao outro e deixamos de vivenciar laços significativos, o que potencializa todo esse encadeamento adoecedor (TEIXEIRA, 1997).

2.2.2 Saúde: elaboração de sentidos e autenticidade

Ao passo que, na concepção existencialista, o adoecimento está relacionado à inautenticidade e ao estreitamento de possibilidades, associa-se à saúde modos de ser autênticos apropriados da liberdade e da responsabilidade pela própria existência (TEIXEIRA, 1997). Não se trata, porém, de viver na ausência de sofrimento, visto que este é parte inerente da existência. Pelo contrário, considera-se essencial a abertura para se deparar com a vertigem da finitude e da incerteza, de maneira a integrar criativamente os dados da existência em nosso projeto e em nossas escolhas (VAN DEURZEN, 2014). Em outras palavras, emprestadas do poeta Rainer Maria Rilke (2006), “trata-se precisamente de viver tudo”. Este “tudo” inclui as crises existenciais e seus convites, ante o absurdo e os enigmas da existência, a buscar formas mais autênticas de nos relacionar com o mistério e as ambiguidades constituintes da condição humana (VAN DEURZEN, 2014).

Para que esses processos ocorram – para que possamos “viver tudo” (RILKE, 2006) – e culminem em modos de existir autênticos, temos de nos dispor ao exercício da elaboração de sentidos. Refere-se aqui ao ato de atribuir significados àquilo que **nos** acontece. Demoremo-nos um instante na preposição em negrito, como nos convida Amatuzzi (2018). Segundo o autor e conforme já tratado anteriormente, ela significa que, enquanto seres-no-mundo, nada apenas acontece, de forma estéril e desvinculada da consciência daqueles que testemunham isso que acontece. Ou seja, quando algo acontece, esse algo acontece diante de alguém, e esse alguém irá se relacionar com o que aconteceu – influenciado por sua história de vida, suas crenças, seus valores, seu momento de vida atual, etc. Da complexa

interação entre todos esses elementos que constituem o receptáculo do acontecimento, ver-se-á emergir determinados sentidos singulares (AMATUZZI, 2018; LUCZINSKI; ANCONA-LOPEZ, 2010).

Explicitemos, agora, como se dá esse processo de atribuição de sentidos a partir dos conceitos de vivência e experiência. O primeiro se refere àquilo que nos acontece e produz em nós uma ressonância, mas que ainda não foi submetido a uma atividade reflexiva de elaboração (AMATUZZI, 2018). Assim, as vivências são a manifestação imediata de como o mundo nos impacta a todo momento sob a forma de percepções, emoções, lembranças, fantasias, etc. A partir do momento que elaboramos esses atravessamentos, isto é, que os transferimos para um plano racional dentro do qual eles irão se desdobrar em significados articulados, emprega-se o termo “experiência”. Por meio deste movimento de significação, novas cadeias de sentidos inauguram novas possibilidades existenciais (CARDOSO, 2007). Nesse sentido, retomando nossa reflexão sobre o processo saúde-doença, pode-se dizer que a elaboração de sentidos encontra-se no âmago de uma existência autêntica saudável.

2.2.3 A motivação enquanto objeto de pesquisa de um ponto de vista existencial

No acervo dos Descritores em Ciências da Saúde/Medical Subject Headings (DeCS/MeSH), o termo “motivação” é definido como conjunto de “fatores que levam um organismo a se comportar ou agir de modo a atingir um objetivo ou alguma satisfação [podendo] ser influenciados por impulsos psicológicos ou por estímulos externos” (BIREME, 2018). Em consonância com o que foi explicitado acima, não realizaremos essa distinção entre âmbitos interno e externo enquanto duas unidades separadas. Ao contrário, propõe-se aqui entender o conceito de motivação na concepção dialógica de Längle (2011), que o traduz como um elo entre o ser e o mundo, sendo estes duas polaridades de uma mesma instância: o ser-no-mundo.

Para Längle (2011), a motivação seria o que envolve e engaja a pessoa num fluxo comunicacional que a conecta com o mundo através de significados singulares. Trata-se, nesse sentido, de uma expressão da existência enquanto *ex-istência*, isto é, enquanto “estar para fora”, na medida em que existir implica um estado de abertura. Aqui, a motivação seria o que conecta o momento presente com as intenções, os desejos e os potenciais atos de alguém que pode vir a realizá-los. Assim, esta visão se insere na continuidade das reflexões anteriores, retomando a

dimensão de liberdade de escolha do homem, inscrita em sua dimensão de projeto e pela qual ele é incontornavelmente responsável.

Em suma, somos motivados quando somos provocados, isto é, quando nos deparamos com algo que nos toca, nos interpela, nos instiga. Retomando a ideia de diálogo, somos motivados quando somos chamados pelo mundo: este é o ponto de início de todo processo motivacional (LÄNGLE, 2011). Ora, compreender o que nos provoca passa pelo entendimento dos significados que atribuímos às coisas e a partir dos quais nos relacionamos com o mundo, com os outros e conosco mesmos. Apenas então teremos os recursos suficientes para exercer plenamente nossa liberdade de escolha sustentada pela motivação. Portanto, não há motivação sem elaboração de sentidos.

3 REVISÃO DE LITERATURA: MÉTODOS E RESULTADOS

3.1 Procederes metodológicos

Foi conduzida uma revisão integrativa da literatura nacional e internacional dos últimos cinco anos sobre fatores motivacionais e protetivos associados aos trabalhadores humanitários. Num primeiro momento, realizou-se leituras preliminares exploratórias da literatura e consultas ao repertório de Descritores de Ciências da Saúde (DeCS/MeSH) com vistas a definir as palavras-chave que orientariam o levantamento do material. Em seguida, uma vez definidos os termos da busca, foi realizada a seguinte pesquisa no Portal de Periódicos da CAPES e no Google Scholar: (“humanitarian worker” OR “aid worker” OR “relief worker”) AND (“protective factor” OR motivation OR resilience OR meaning). Em recorte definido a partir dos filtros “publicações dos últimos cinco anos” e “artigos, capítulos de livro e revisões”, foram gerados 352 resultados.

O material obtido foi então avaliado segundo critérios de inclusão e exclusão estabelecidos com vistas a circunscrever os achados ao que interessa ao presente estudo. Os materiais incluídos consistem em pesquisas de campo, revisões e relatos de experiência de natureza qualitativa ou mista, em línguas inglesa, portuguesa, francesa e espanhola, e cujos achados referem-se a experiências de trabalhadores humanitários que joguem luz sobre fatores motivacionais e/ou protetivos associados a essa população. Foram excluídos da seleção materiais duplicados, sem tradução disponível, cujo público estudado não se enquadra na categoria de trabalhador humanitário ou é restrita a voluntários, cuja metodologia é exclusivamente quantitativa ou teórica (não se apoia em relatos de vivências), e cujos resultados não informam sobre fatores motivacionais e/ou protetivos dos profissionais contemplados. Pautando-se nos critérios expostos, triagens sucessivas foram realizadas a partir da análise dos títulos, resumos e textos completos dos materiais coletados, resultando num total de 11 artigos selecionados (vide Figura 1).

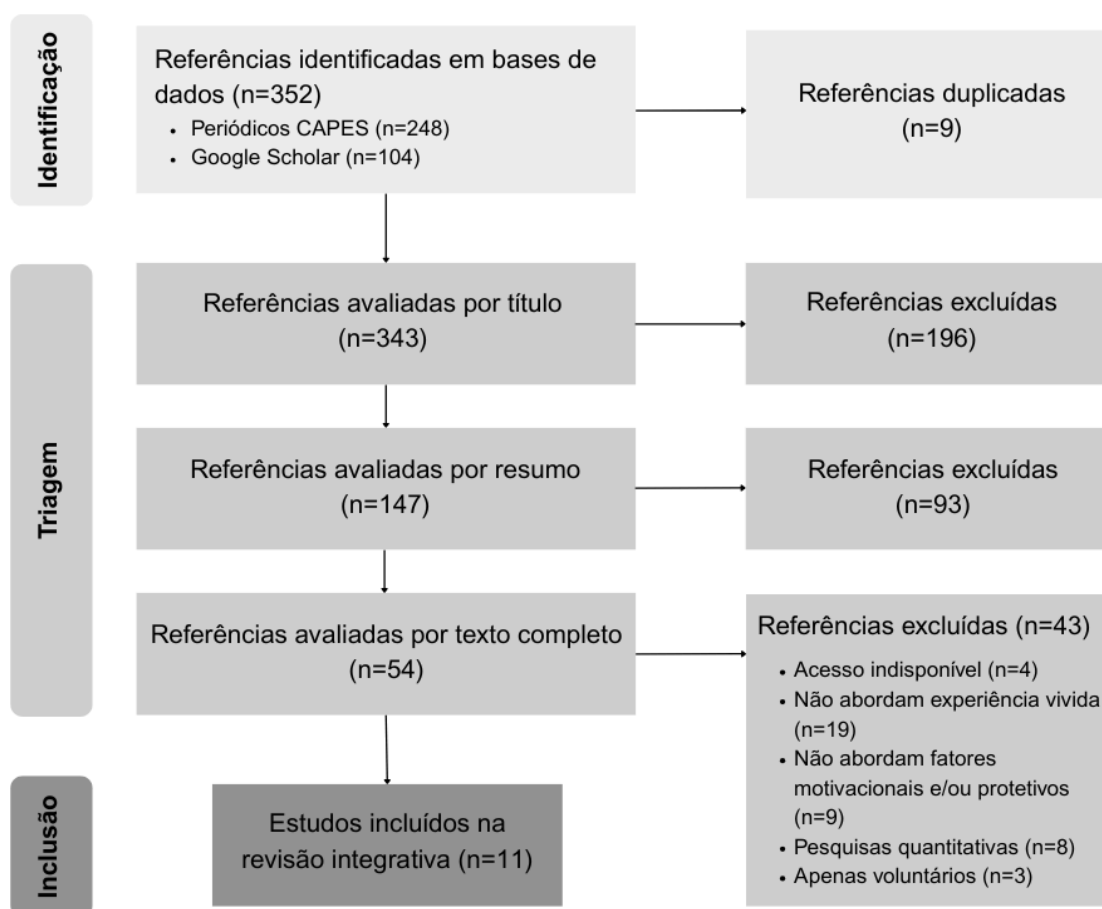


Figura 1 - Fluxograma da coleta e seleção do material (elaborado pela autora)

3.2 Resultados

A etapa de coleta de dados anteriormente descrita culminou na análise de 11 estudos publicados entre 2020 e 2025, compreendendo pesquisas mistas (n=3) e qualitativas (n=5), relatos de experiência (n=2) e revisão de literatura (n=1). Parte das pesquisas centra-se em uma temática específica dentro do campo de emergências e desastres – migração forçada e refúgio (n=4), conflitos armados (n=2), emergências de saúde (n=2) e ciberpedofilia (n=1) – ao passo que outras reúnem diferentes temas ou abordam o trabalho humanitário como um todo (n=2). Uma síntese desse material foi compilada no quadro 1.

Após análise dos estudos selecionados, foram formulados dois eixos principais que, para fins didáticos, distinguem os achados a níveis: 1) intra e interpessoal, e 2) organizacional. O conteúdo desta análise temática foi sintetizado na Figura 2.

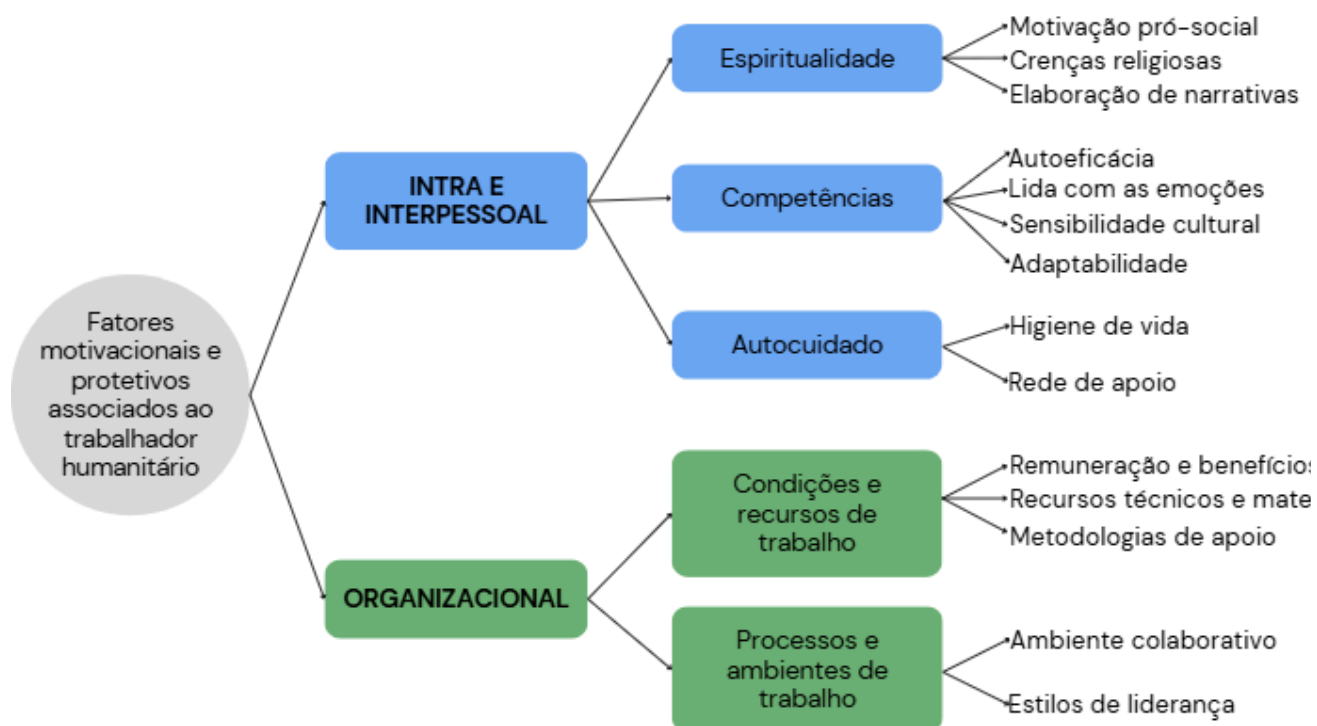


Figura 2 - Esquema sintético da análise temática (elaborado pela autora)

Quadro 1 - Síntese dos resultados (elaborado pela autora)

| Autoria e ano | Título | Objetivo | Metodologia | Resultados |
|---------------------------------------|--|--|--|--|
| (SALEM; VAN QUAQUEBEKE; BESIOU, 2022) | Aid worker adaptability in humanitarian operations: interplay of prosocial motivation and authoritarian leadership | Investigar a relação entre liderança autoritária e a motivação pró-social de trabalhadores humanitários, e avaliar sua influência na adaptabilidade dos profissionais. | Pesquisa mista por questionário anônimo on-line (n=299) e entrevistas semi-estruturadas (n=31) com trabalhadores humanitários locais (n=7) e internacionais (n=24). | A liderança autoritária prejudicou o desempenho dos profissionais, especialmente por limitar sua proatividade e sua autonomia – características associadas à motivação pró-social e à adaptabilidade. |
| (HAGUES et al., 2021) | Refugee social work in Lebanon: does the faith of the social worker provide support? | Analisar os efeitos da relação com a fé em assistentes sociais trabalhando em campos de refugiados no Líbano. | Pesquisa mista por questionário (n=47), entrevistas estruturadas individuais (n=10) e grupos focais (n=37) com assistentes sociais atuando em campos de refugiados no Líbano (n=47). | A espiritualidade mostrou-se fonte de alívio do estresse e de sentido no trabalho. Outras estratégias de enfrentamento citadas foram o autocuidado, o trabalho em equipe, o compromisso com a causa, a inspiração advinda das histórias dos beneficiários e a gratidão. |
| (CECIL et al., 2022) | The lived experiences of social workers working with refugees in Lebanon | Compreender a experiência vivida de assistentes sociais em seu trabalho com refugiados no Líbano. | Pesquisa mista por questionário (n=47), entrevistas estruturadas individuais (n=10) e grupos focais (n=37) com assistentes sociais atuando em campos de refugiados no Líbano (n=47). | As vivências dos participantes jogaram luz sobre suas motivações (majoritariamente pró-sociais e relacionadas à interculturalidade) e elementos úteis na preparação para realizar esse tipo de trabalho (educação continuada, experiência prática, treinamentos em saúde mental, dentre outros). |
| (ADHYARU; GUCHAIT, 2024) | Working with afghan evacuees: field reflections on five useful supervision questions for crisis intervention workers | Exemplificar e fornecer inspirações para uma prática efetiva da supervisão no trabalho humanitário. | Relato de experiência apresentado sob a forma de diálogo entre duas psicólogas (supervisora e supervisionanda). | A supervisão revelou-se uma prática oportuna para prover apoio emocional e suporte técnico aos trabalhadores humanitários. Possíveis temas para os encontros incluíram as motivações dos profissionais, a lida com o contexto multicultural e os impactos do trabalho na vida pessoal. |
| (KHAN et al., 2023) | Exploring the self-preparedness of frontline healthcare workers in a low- and middle-income country | Investigar os processos relacionados à “self-preparedness” de profissionais de saúde atuando num campo de refugiados em | Pesquisa qualitativa realizada a partir de entrevistas semi-estruturadas remotas (n=30) com médicos (n=10), enfermeiros (n=10) e agentes comunitários de | Os participantes desenvolveram progressivamente entendimentos e habilidades profícuos para sua atuação, dentre os quais práticas de autocuidado e estratégias pessoais de enfrentamento, espiritualidade e propósito de vida, treinamentos e educação continuada e o apoio |

| Autoria e ano | Título | Objetivo | Metodologia | Resultados |
|--------------------------|---|---|--|---|
| | from a humanitarian context during the COVID-19 pandemic: A constructivist grounded theory study | Rohingya durante a pandemia da COVID-19. | saúde (n=10) atuando na linha de frente da COVID-19 em um campo de refugiados em Bangladesh. | organizacional. |
| (MCCORMACK; LOWE, 2022) | Making meaning of irreconcilable destruction of innocence: National humanitarian professionals exposed to cybercrime child sexual exploitation in the Philippines | Conhecer os sentidos da experiência vivida de trabalhadores humanitários locais que atuam no contexto de crimes cibernéticos sexuais infantis nas Filipinas. | Pesquisa qualitativa realizada a partir de entrevistas semi-estruturadas com trabalhadores humanitários filipinos (n=4). | Diante dos sofrimentos relacionados ao testemunho da violência sofrida pelas crianças e agravada por falhas e corrupções do sistema judiciário, os participantes desenvolveram estratégias que fortalecem sua resiliência, dentre as quais a espiritualidade e propósitos de vida alinhados com a defesa dos direitos humanos, a importância dos colegas de trabalho, etc. |
| (KALLSTRÖM et al., 2022) | I don't leave my people; They need me: Qualitative research of local health care professionals' working motivations in Syria | Identificar as motivações de profissionais de saúde sírios para trabalhar em um contexto de conflito armado. | Pesquisa qualitativa realizada a partir de entrevistas semi-estruturadas com profissionais de saúde sírios (n=20). | Foram identificados fatores de motivação intrínseca relacionados aos princípios humanitários e ética médica, e a motivos ideológicos. Já as motivações extrínsecas dos trabalhadores eram de natureza econômica e profissional. |
| (ELNAKIB et al., 2021) | Providing care under extreme adversity: The impact of the Yemen conflict on the personal and professional lives of health workers | Compreender os impactos do conflito no âmbito nas vidas pessoal e profissional de trabalhadores iemenitas atuando na linha de frente dos cuidados em saúde em diversas regiões do país. | Pesquisa qualitativa realizada a partir de entrevistas semi-estruturadas (n=43) e grupos focais (n=6), conduzidos com agentes comunitários, parceiras e outros profissionais da saúde iemenitas. | Consequências diretas e indiretas do conflito prejudicaram as condições concretas de trabalho e de vida dos profissionais, debilitando sua saúde psicológica. Ante tais circunstâncias, os participantes lançaram mão de estratégias de enfrentamento a partir de suas crenças religiosas e um senso de fatalismo, seu senso de dever e responsabilidade patriota, e a resolução criativa de problemas. |
| (FRIESEN, 2023) | Humanitarians' ethics: the role of face-to-face experiences in humanitarian aid | Analisar o impacto de experiências relacionadas ao encontro intersubjetivo no engajamento humanitário. | Análise de relatos de experiência de um médico humanitário, contidos em seu livro autobiográfico <i>An Imperfect</i> | Destacou-se três episódios vividos pelo participante enquanto experiências que despertaram sua responsabilidade ao se deparar com o sofrimento do outro e contribuíram para seu engajamento humanitário. |

| Autoria e ano | Título | Objetivo | Metodologia | Resultados |
|-----------------------|---|---|--|---|
| | workers' motivation | | Offering: dispatches from the medical frontline (Orbinski, 2008), sob a perspectiva da ética da alteridade de Emmanuel Lévinas. | Frisou-se a importância de não separar as dimensões pessoal e profissional para compreender as motivações dos trabalhadores humanitários. |
| (PORTER et al., 2021) | The impact of providing end-of-life care during a pandemic on the mental health and wellbeing of health and social care staff: systematic review and meta-synthesis | Compreender como prestar cuidados paliativos em emergências humanitárias impacta profissionais da saúde e da assistência social, e repertoriar orientações para prover-lhes um apoio efetivo. | Metassíntese qualitativa (n=19) de artigos publicados entre 2001 e 2020 sobre equipes de saúde e assistência social atuando em cuidados paliativos em períodos de surtos de doenças. | Experiências individuais abarcaram tanto angústias, quanto vivências de realização pessoal e profissional. No que tange às responsabilidades organizacionais, frisou-se a oferta de treinamentos e do material de trabalho, e a capacidade de adaptação da instituição. |
| (ASGARY, 2020) | Caring for Rohingya Refugees With Diphtheria and Measles: On the Ethics of Humanity | Relatar a experiência vivida em um campo de refugiados rohingya em Bangladesh durante um surto de difteria e sarampo. | Relato de experiência de um médico humanitário. | Após descrever as condições de trabalho precárias e os recursos insuficientes para atender à extensão das necessidades dos refugiados em meio ao surto epidêmico, o autor defendeu a importância de atitudes de solidariedade e cuidado enquanto um compromisso ético indispensável na ajuda humanitária. |

3.2.1 Intra e interpessoal: compreender e cuidar de si e do outro

Uma primeira esfera dentro da qual foram identificados fatores motivacionais e protetivos do trabalho humanitário nos estudos analisados diz respeito às relações do indivíduo consigo mesmo e com o outro. Mencionadas em todas as pesquisas incluídas na revisão, os participantes demonstraram encontrar motivações e pontos de apoio no seio dessas relações por meio da espiritualidade, do desenvolvimento de determinadas competências e do autocuidado.

3.2.1.1 Por meio da espiritualidade

Ao realizarem uma pesquisa para compreender a experiência vivida da fé e espiritualidade em assistentes sociais humanitários, Hagues et al. (2021) definiram-na como crença em algo que instila um senso de motivação, confiança e orientação ao qual o indivíduo pode recorrer para enfrentar situações difíceis, tendo ou não relação com alguma religião. Esta temática foi recorrente nos estudos analisados, enquanto fator tanto motivacional quanto protetivo, e relacionada a diferentes significados.

Um deles, presente em todos os estudos, refere-se à motivação pró-social, isto é, ao engajamento em prol de propósitos de vida relacionados ao cuidado para com o outro, especialmente os mais vulneráveis (SALEM; VAN QUAQUEBEKE; BESIOU, 2022). Com efeito, os profissionais associaram sua atuação ao resgate da dignidade humana e do sentimento de solidariedade através da recusa em abandonar o outro que sofre, ainda que a única coisa que se lhe possa oferecer seja a própria presença (ADHYARU; GUCHAIT, 2024; ASGARY, 2020; CECIL et al., 2022; FRIESEN, 2023; HAGUES et al., 2021; MCCORMACK; LOWE, 2022; PORTER et al., 2021). Assim, os trabalhadores encontraram combustível testemunhando os impactos positivos de seu trabalho na vida dos beneficiários, para os quais a ajuda humanitária era, muitas vezes, o único suporte acessível (KALLSTRÖM et al., 2022; MCCORMACK; LOWE, 2022; PORTER et al., 2021).

Outro elemento em torno do qual a espiritualidade esteve presente nos estudos analisados foram as crenças religiosas. Com efeito, os participantes que depositavam sua fé em alguma entidade transcendente estimaram-na um importante ponto de apoio. Para eles, confiar que algum “ser superior” possuía o controle daquilo que lhes escapava ou que o futuro era resultado de desígnios divinos além do alcance humano eram pensamentos que traziam alento (ELNAKIB et al., 2021;

HAGUES et al., 2021; MCCORMACK; LOWE, 2022). Alguns profissionais consideravam seu trabalho um meio de concretizar a vontade divina, concebendo sua prática enquanto um dos misteriosos caminhos através dos quais forças superiores atuam para proteger quem se encontra desamparado (HAGUES et al., 2021; MCCORMACK; LOWE, 2022). Por fim, as crenças religiosas também asseguraram conforto diante da solidão e auxiliaram os participantes a restaurar suas energias quando o trabalho se tornava fonte de esgotamento (MCCORMACK; LOWE, 2022).

A dimensão espiritual também pôde ser encontrada na capacidade de tecer narrativas que conferiam sentido ao vivido e possibilitavam uma conexão consigo mesmo e com os outros. Alguns participantes, por exemplo, perceberam que o trabalho com populações vulnerabilizadas modificou seus olhares sobre suas próprias vidas, pelas quais se sentiam gratos (FRIESEN, 2023; HAGUES et al., 2021; MCCORMACK; LOWE, 2022). Na face contrária, trabalhadores que vislumbravam pontos de interseção entre suas próprias trajetórias e as histórias de vida dos beneficiários encontraram nesse entrelaçamento uma fonte de conexão com a causa humanitária. Tais experiências de elaboração de narrativas foram associadas ao desenvolvimento da resiliência e ao crescimento pós-traumático (ADHYARU; GUCHAIT, 2024; ELNAKIB et al., 2021; HAGUES et al., 2021; KHAN et al., 2023; MCCORMACK; LOWE, 2022; PORTER et al., 2021), compreendido por Joseph e Linley (2005) enquanto processo de elaboração de sentidos que atualizam a visão de mundo da pessoa e lhe permitem integrar as experiências de sofrimento.

3.2.1.2 Por meio do desenvolvimento de competências

Diante da ampla gama de desafios atrelados ao trabalho humanitário, determinadas competências exigidas para atuar neste setor podem ser consideradas fatores protetivos ao adoecimento. Uma delas é a autoeficácia, definida como a percepção da pessoa sobre sua capacidade de mobilizar os próprios conhecimentos e convertê-los em ações efetivas. Embora apenas um dos artigos mencione este termo exato (ELNAKIB et al., 2021), a ideia que ele expressa foi encontrada em vários estudos da revisão, os quais coadunaram em torno da importância da autoconsciência e da autoconfiança no que tange às próprias capacidades (ADHYARU; GUCHAIT, 2024; CECIL et al., 2022; ELNAKIB et al., 2021; HAGUES et al., 2021; KHAN et al., 2023; PORTER et al., 2021).

Outra habilidade elencada pelos profissionais foi a capacidade de se relacionar de forma adaptativa com as próprias emoções e tolerar as frustrações, especialmente dados os desafios associados ao trabalho humanitário (ADHYARU; GUCHAIT, 2024; CECIL et al., 2022; ELNAKIB et al., 2021; HAGUES et al., 2021; KHAN et al., 2023; MCCORMACK; LOWE, 2022; PORTER et al., 2021). Os recursos e mecanismos de enfrentamento efetivos mais citados giraram em torno da valorização dos aspectos positivos das situações (HAGUES et al., 2021; PORTER et al., 2021), da importância da celebração de conquistas e da lembrança do impacto positivo do trabalho sobre os beneficiários (ADHYARU; GUCHAIT, 2024; ASGARY, 2020; MCCORMACK; LOWE, 2022; SALEM; VAN QUAQUEBEKE; BESIOU, 2022). Outros participantes encontraram na postura de atenção às suas emoções e reações uma forma de identificar momentos em que precisavam repensar seu autocuidado ou buscar ajuda (HAGUES et al., 2021; MCCORMACK; LOWE, 2022).

Além desses elementos, destacou-se a importância de os trabalhadores cultivarem sua sensibilidade para as diferenças culturais, buscando sempre compreender o contexto dos beneficiários, tanto no que tange às crenças e práticas culturais, como no que diz respeito às condições socioeconômicas e aos atravessamentos políticos que habitam o território (ADHYARU; GUCHAIT, 2024; CECIL et al., 2022; ELNAKIB et al., 2021; KHAN et al., 2023; PORTER et al., 2021; SALEM; VAN QUAQUEBEKE; BESIOU, 2022). Esse tipo de conduta foi considerado uma referência para se nortear a atuação dos profissionais, de forma a minimizar desde pequenos desentendimentos até, em determinados contextos, confrontos armados (KALLSTRÖM et al., 2022; PORTER et al., 2021).

Por fim, também enfatizada nas pesquisas analisadas foi a adaptabilidade, isto é, a capacidade do indivíduo de ajustar suas ações para responder adequadamente a mudanças nas contingências tangentes às tarefas individuais, ao trabalho em equipe e à estrutura organizacional (GRIFFIN; NEAL; PARKER, 2007). Dada a escassez de recursos disponíveis e a constante imprevisibilidade que caracterizam o trabalho no setor humanitário, essa habilidade foi considerada um fator protetivo fundamental pelos participantes (ADHYARU; GUCHAIT, 2024; ASGARY, 2020; CECIL et al., 2022; ELNAKIB et al., 2021; HAGUES et al., 2021; KHAN et al., 2023; PORTER et al., 2021). Ademais, a adaptabilidade está intimamente ligada à criatividade, também citada como traço desejável para o desempenho de atividades em contextos desafiadores. Na tentativa de adaptar-se a

situações inusitadas, os trabalhadores que encontraram soluções criativas para desempenhar suas funções em condições adversas (falta de equipamentos, instalações inadequadas, equipes reduzidas ou tecnicamente despreparadas, etc.) reconheceram a importância dessas habilidades (ASGARY, 2020; ELNAKIB et al., 2021; KALLSTRÖM et al., 2022; KHAN et al., 2023).

3.2.1.3 Por meio do autocuidado

Para além da espiritualidade e do desenvolvimento de competências estratégicas, as pesquisas também jogaram luz sobre aspectos práticos relacionados ao autocuidado. Este termo foi definido pelos trabalhadores como repertório de estratégias para proteger-se da exaustão física e emocional. A esse respeito, eles destacaram a importância de cultivar hábitos de vida saudáveis como praticar exercícios físicos, manter uma rotina do sono de qualidade, reservar momentos (ainda que curtos) para o descanso, adotar uma alimentação razoavelmente balanceada, realizar exercícios de relaxamento e atividades de lazer, dentre outros (ADHYARU; GUCHAIT, 2024; CECIL et al., 2022; HAGUES et al., 2021; KHAN et al., 2023).

Uma dimensão básica do autocuidado relatada pelos profissionais foi a necessidade de possuir redes de apoio constituídas por amigos, familiares, colegas de trabalho e comunidades religiosas ou em redes sociais (ADHYARU; GUCHAIT, 2024; CECIL et al., 2022; ELNAKIB et al., 2021; HAGUES et al., 2021; KHAN et al., 2023; MCCORMACK; LOWE, 2022; PORTER et al., 2021). Especificamente no ambiente profissional, encontrar em seus colegas de trabalho um ponto de apoio, tanto para desempenhar as tarefas como enquanto suporte emocional, foi tido como essencial por muitos participantes (ADHYARU; GUCHAIT, 2024; HAGUES et al., 2021; MCCORMACK; LOWE, 2022). Para alguns, compartilhar experiências com pessoas que vivenciavam desafios semelhantes e pouco dimensionáveis para quem não atua no setor humanitário foi de grande valia, muitas vezes acompanhado de um sentimento de conexão e aceitação dificilmente encontrado em outros ambientes (ADHYARU; GUCHAIT, 2024; MCCORMACK; LOWE, 2022).

3.2.2 Organizacional: preparar e amparar o colaborador

Outros fatores motivacionais e protetivos do trabalho humanitário identificados nas pesquisas contempladas pertencem ao âmbito organizacional, podendo ser classificados em condições e recursos de trabalho, e ambiente organizacional.

3.2.2.1 Por meio das condições e dos recursos de trabalho

A remuneração do trabalho ocupou um lugar de destaque em relação a outros fatores motivacionais nas reflexões de profissionais locais que se encontravam em situação de vulnerabilidade socioeconômica e para quem o setor humanitário garantia melhores salários e benefícios (KALLSTRÖM et al., 2022; SALEM; VAN QUAQUEBEKE; BESIOU, 2022). Para alguns, não havia senão esta opção no mercado de trabalho: foi o caso de pessoas refugiadas que só podiam trabalhar em organizações humanitárias internacionais por não possuírem determinados direitos nos países para os quais haviam migrado (Cecil et al., 2022; Källstrom et al., 2022).

Os trabalhadores destacaram também a importância de disporem de recursos materiais e técnicos adequados para o exercício de suas atividades profissionais. Por recursos materiais, entende-se, essencialmente, instalações minimamente funcionais, quantidades suficientes de equipamentos básicos (inclusive de proteção), e tamanhos das equipes e cargas horárias razoáveis (ASGARY, 2020; CECIL et al., 2022; ELNAKIB et al., 2021; KALLSTRÖM et al., 2022; KHAN et al., 2023; PORTER et al., 2021). No que tange aos recursos técnicos, os profissionais consideraram as capacitações e a cultura de aprendizagem contínua uma estratégia fundamental dentro das organizações para garantir-lhes a preparação adequada para suas atividades e o apoio necessário enquanto as exercem. Foram citadas iniciativas relacionadas tanto a atividades profissionais específicas, quanto ao campo da saúde mental: workshops, treinamentos, rodas de conversa, atividades físicas, lúdicas e de relaxamento, dentre outros (ADHYARU; GUCHAIT, 2024; CECIL et al., 2022; HAGUES et al., 2021; KHAN et al., 2023).

Ainda nessa linha de raciocínio, algumas pesquisas mencionaram metodologias de trabalho oportunas para oferecer um suporte contínuo efetivo aos colaboradores, como a prática da supervisão. Esta última foi longamente discutida por Adhyaru e Guchait (2024) no contexto de suas experiências com trabalhadores humanitários atuando em campos de refugiados. Segundo os autores, de um ponto de vista técnico, essa prática é uma oportunidade para os profissionais adquirirem conhecimentos e obterem direcionamentos de estudos, articularem o trabalho em equipe e refletirem sobre os atravessamentos do contexto sociopolítico e cultural em que se encontram. Além disso, em termos de apoio psicossocial, a supervisão pode ser um espaço seguro para o compartilhamento de angústias e estratégias de

enfrentamento, fortalecendo a conexão e confiança entre os colaboradores, e encorajando-os a cuidar da sua saúde mental (ADHYARU; GUCHAIT, 2024).

3.2.2.2 Por meio dos ambientes e processos de trabalho

Parte dos resultados das pesquisas analisadas apontou para a importância da construção de um ambiente de trabalho acolhedor e colaborativo. No que tange ao acolhimento, os profissionais enfatizaram a importância da escuta e da abertura de espaço para a expressão dos sentimentos. Isto pôde se dar especialmente em contextos específicos, como as reuniões de supervisão. Estas últimas propiciaram trocas valiosas, inclusive a partir do envolvimento do próprio supervisor que, ao compartilhar suas próprias experiências, serviu de exemplo para uma relação saudável com o trabalho (ADHYARU; GUCHAIT, 2024). Quanto à formação de um ambiente de colaboração, foram mencionadas as atividades de formação de equipe, que favoreceram o estabelecimento de um clima de confiança entre os trabalhadores e de uma cultura organizacional promotora de saúde e bem-estar (HAGUES et al., 2021)

Além disso, os profissionais também recomendaram atentar-se para as abordagens relacionadas aos processos de trabalho e aos estilos de liderança praticados dentro das organizações. No que concerne aos processos de trabalho, os profissionais valorizaram as instituições que demonstraram maior capacidade de flexibilização para realizar as adaptações necessárias diante de necessidades em constante mudança (ELNAKIB et al., 2021; KHAN et al., 2023; PORTER et al., 2021).

Com relação aos estilos de liderança, embora abordagens mais autoritárias sejam comumente adotadas no setor humanitário por acreditar-se que amenizariam a pressão psicológica dos colaboradores (CANTON, 2013), a pesquisa de Salem et al. (2022) evidenciou que elas são, via de regra, prejudiciais. A partir dos relatos dos trabalhadores, os autores concluíram que lideranças autoritárias tendem a minar o engajamento e a proatividade de trabalhadores com um perfil motivacional pró-social e tensionar o ambiente.

4 DISCUSSÃO À LUZ DA FENOMENOLOGIA EXISTENCIAL

4.1 Ser-no-mundo: motivação e proteção através do processo de elaboração de sentidos

Abordado em todas as pesquisas contidas na revisão apresentada anteriormente, o desenvolvimento da autoconsciência foi citado nos mais diversos contextos humanitários, provando-se fundamental para os trabalhadores participantes. O tema se desdobrou essencialmente em discussões sobre valores e propósitos de vida (ASGARY, 2020; CAMERON et al., 2024; ELNAKIB et al., 2021; FRIESEN, 2023; HAGUES et al., 2021; KALLSTRÖM et al., 2022), a vivência da relação com o sagrado (ELNAKIB et al., 2021; HAGUES et al., 2021; MCCORMACK; LOWE, 2022), a ressignificação da própria história e transformação de visão de mundo (CECIL et al., 2022; HAGUES et al., 2021; MCCORMACK; LOWE, 2022), o desenvolvimento de estratégias de enfrentamento e competências relevantes no setor humanitário (ADHYARU; GUCHAIT, 2024; CECIL et al., 2022; ELNAKIB et al., 2021; HAGUES et al., 2021; KHAN et al., 2023; MCCORMACK; LOWE, 2022; PORTER et al., 2021; SALEM; VAN QUAQUEBEKE; BESIOU, 2022), a prática do autocuidado e manutenção de redes de apoio (ADHYARU; GUCHAIT, 2024; CECIL et al., 2022; HAGUES et al., 2021; KHAN et al., 2023). Todos esses elementos mostraram-se importantes para a motivação e/ou proteção dos trabalhadores humanitários, tendo em seu cerne a disposição para explorar os próprios processos e compreender as próprias dificuldades e potencialidades.

A valorização dessa atitude de abertura e reflexão ecoa com a concepção de saúde na perspectiva existencial, que entende o homem enquanto ser de projeto lançado-no-mundo e em constante reformulação a partir da significação do vivido – condição para a construção de modos autênticos de se relacionar consigo, com os outros e com o mundo (AMATUZZI, 2018; CARDOSO, 2007; TEIXEIRA, 2006). Aqui cabem também os conceitos de resiliência e crescimento pós-traumático, que aparecem nas pesquisas analisadas associados, precisamente, à (re)elaboração de sentidos (ADHYARU; GUCHAIT, 2024; ELNAKIB et al., 2021; HAGUES et al., 2021; KHAN et al., 2023; PORTER et al., 2021). Para esses autores, a resiliência constitui um importante fator de proteção e deve ser entendida não como um traço de personalidade, mas como uma habilidade que pode ser desenvolvida ao longo do tempo. Isto se dá a partir de uma maior compreensão de si mesmo, dos próprios valores e dos laços com pessoas significativas, que favorecem a transformação do

sofrimento em crescimento pessoal. Tais afirmações ecoam com uma leitura da resiliência a partir das contribuições de Viktor Frankl, realizada por Silveira e Mahfoud (2008), que associam esse conceito à busca de sentidos. Segundo os autores, esta última se dá na interligação das esferas individual e social, uma vez que o homem é ser-no-mundo e se constitui a todo momento através de suas escolhas.

Ainda sobre a função protetiva da autoconsciência, esta pode ser especialmente valiosa no trabalho humanitário na medida em que vários atributos comuns e até mesmo desejáveis em profissionais desta área podem tanto prevenir quanto precipitar o adoecimento. Esta ambivalência foi apontada nas pesquisas analisadas com relação à espiritualidade e às crenças religiosas, à compaixão e à empatia, e aos ideais de justiça social e defesa dos direitos humanos (ADHYARU; GUCHAIT, 2024; HAGUES et al., 2021; MCCORMACK; LOWE, 2022). Na pesquisa de McCormack e Lowe (2022), por exemplo, profissionais que trabalhavam com vítimas de ciberpedofilia perceberam que, em alguns momentos, suas experiências empáticas no contato com os beneficiários lhes trouxeram sofrimentos relacionados aos traumas testemunhados, ao passo que, em outros, elas se converteram em um engajamento mais honesto e consciente com a causa. O elemento decisivo, portanto, não foi o contato e a empatia para com os beneficiários *per se*, e sim os significados que se atribuiu a tais vivências.

4.2 Ser-com-os-outros: motivação e proteção através do outro e dos valores coletivos

As relações interpessoais e os valores relacionados ao coletivo também foram temáticas recorrentes nos estudos analisados. A presença do outro foi citada por trabalhadores humanitários de diversos contextos tanto num âmbito mais individual e relacional, como rede de apoio ou fonte de inspiração (ADHYARU; GUCHAIT, 2024; ELNAKIB et al., 2021; HAGUES et al., 2021; KHAN et al., 2023; MCCORMACK; LOWE, 2022; PORTER et al., 2021), quanto num âmbito mais geral e filosófico, através do compromisso com a defesa dos direitos humanos (ASGARY, 2020; CECIL et al., 2022; ELNAKIB et al., 2021; FRIESEN, 2023; HAGUES et al., 2021; KALLSTRÖM et al., 2022; KHAN et al., 2023; MCCORMACK; LOWE, 2022; PORTER et al., 2021). Em ambos os casos, os trabalhadores foram tocados por um sentimento de conexão e pertencimento, germinando-se um terreno fértil para o

desenvolvimento da resiliência (ELNAKIB et al., 2021; KHAN et al., 2023; PORTER et al., 2021). Esta observação converge, mais uma vez, com o olhar existencialista do conceito explorado por Silveira e Mahfoud (2008), que enfatizam a importância dos vínculos afetivos e das relações de confiança.

Dessa forma, os resultados da revisão sustentam a importância da dimensão relacional do ser, que se revela aqui tanto motivadora quanto protetiva. Assim, independentemente do contexto, acreditar na potência do ser-com-o-outro e vivenciá-la – através dos ideais que motivam o exercício profissional, das experiências relacionais com beneficiários e/ou dos laços com colegas de trabalho, amigos e familiares – pode ser entendido como um dos pilares que sustentavam os trabalhadores humanitários que participaram dos estudos discutidos. Isto adquire uma importância ainda maior se consideramos que essa disposição para vivenciar o ser-com-o-outro retrata não apenas um tipo de comportamento, mas também uma postura existencial, isto é, um modo de ser (HYCNER; JACOBS, 1997; LUCZINSKI; ANCONA-LOPEZ, 2010). Ora, como vimos anteriormente, a atitude de abertura para os mistérios da existência e para o estar-com-o-outro é o ponto de partida para construir-se na autenticidade.

4.3 Ser-no-mundo-que-bate-ponto: motivação e proteção não são preocupações individuais

Além dos aspectos motivadores e protetores que dizem respeito a atitudes e disposições dos trabalhadores, as pesquisas analisadas se voltaram também para fatores relacionados às práticas organizacionais. Evidenciou-se que, tanto as condições e os recursos de trabalho, quanto os processos e ambientes laborais, possuíam notória influência sobre o estado de motivação e a proteção dos trabalhadores humanitários contra o adoecimento (ADHYARU; GUCHAIT, 2024; CECIL et al., 2022; HAGUES et al., 2021; KALLSTRÖM et al., 2022; PORTER et al., 2021; SALEM; VAN QUAQUEBEKE; BESIQU, 2022).

Essa perspectiva é fundamental nas discussões acerca da saúde do trabalhador humanitário diante da tendência, abordada anteriormente, de individualizar e psicologizar disfunções estruturais (HOULDEY, 2019; KHERA; WELTON-MITCHELL; MITCHELL, 2024). A esse respeito, pode-se dizer que as abordagens que consideram o adoecimento unicamente em sua dimensão individual, centrando-se em sintomas e classificações psicopatológicas, por

exemplo, restringem sua visão ao “ser”, esquecendo-se que ele é impreterivelmente “ser-no-mundo”.

Ora, esta visão restrita não é apenas incompleta: ela é distorcida – uma vez que não apreende o fenômeno (adoecimento) em sua totalidade – e perigosa – tendo em vista que desresponsabiliza os agentes que sustentam o problema. Portanto, para alcançar um panorama que abarque todas as camadas do adoecimento, é preciso estudá-lo em sua situação relacional: o que significa adoecer na instituição “x”? Como os trabalhadores da instituição “x” entendem e lidam com o adoecimento? Esse entendimento independe de níveis hierárquicos ou adoce-se de formas diferentes de acordo com o cargo ocupado? Quais aspectos do sofrimento são reconhecidos e quais são velados? Esse tipo de problematização possibilita-nos alcançar uma compreensão mais ampla e contextual do adoecimento, identificando-se informações relevantes para se pensar em protocolos e políticas de saúde protetoras dos trabalhadores humanitários dentro das instituições em que atuam.

As temáticas compiladas na análise dos artigos aqui discutidos podem compor pistas para formular perguntas pertinentes à elaboração de tais ações. No âmbito organizacional, por exemplo, pode-se conduzir investigações focadas, por um lado, nas condições e recursos de que os profissionais dispõem para realizar suas atividades, e, por outro, nos processos e ambientes de trabalho sob os quais elas se dão, conforme esquematizado na figura 2. Outra possibilidade é apostar em tópicos levantados na esfera intra e interpessoal, buscando compreender como estes elementos se manifestam na instituição em questão e, se oportuno, implementar ações que os promovam (vide figura 2). Para apoiar as organizações na arquitetura desse tipo de ação, pode-se também recorrer a instrumentos diagnósticos que auxiliam na formulação de perguntas relevantes e no mapeamento de fatores de riscos psicossociais, os quais interagem intimamente com os fatores de proteção dos trabalhadores. Um exemplo desse tipo de recurso é o Copenhagen Psychosocial Questionnaire (COPSOQ III), ferramenta de referência empregada por organizações em vários países e recomendada pelo Ministério do Trabalho para mapeamentos e intervenções do gênero (VELOSO, 2024).

4.4 Ser-no-mundo é para todo mundo? Motivação e proteção para alguns, num mundo de poucos

Tratamos até aqui de fatores motivacionais e protetivos que se dão a níveis individual e organizacional. Importa-nos agora uma camada mais entranhada no setor humanitário, que ultrapassa o alcance dos trabalhadores e das organizações: sua esfera estrutural, isto é, os mecanismos e fundamentos ideológicos que regem sua organização e seu funcionamento. Como discutido brevemente no primeiro capítulo, tem-se apontado cada vez mais para a orientação eurocêntrica que ainda prevalece sobre o humanitarismo internacional. Propõe-se aqui refletir sobre esta temática a partir dos estudos que integraram a revisão de literatura apresentada anteriormente.

Por um lado, parte das produções alertou para a existência de nuances nas vivências dos trabalhadores humanitários locais e internacionais. Os autores explicaram que, ao passo que os segundos, com frequência expatriados de países do Norte Global, costumam associar seu engajamento no setor humanitário a convicções e propósitos pró-sociais, os primeiros, em sua grande maioria originários do Sul Global, tendem a ingressar na área para atender a necessidades básicas de subsistência (ELNAKIB et al., 2021; FRIESEN, 2023; KALLSTRÖM et al., 2022; SALEM; VAN QUAQUEBEKE; BESIOU, 2022). Foram também citadas pesquisas que evidenciam o hiato entre as condições de vida e de trabalho dos profissionais locais e aquelas dos profissionais internacionais – contingências que atravessam as vivências de ambos os grupos de maneiras eminentemente diferentes (KALLSTRÖM et al., 2022).

Apesar disso, ainda de acordo com os autores lidos na revisão, pesquisas com profissionais locais em países do Sul Global, especialmente em áreas de conflitos armados, são minoritárias em comparação com os estudos sobre as vivências de profissionais internacionais originários do Norte Global (FRIESEN, 2023; MCCORMACK; LOWE, 2022). Face a essas discrepâncias, Elnakib et al. (2021) e Friesen (2023) salientaram a necessidade de se investigar experiências de profissionais de diversos contextos socioeconômicos e culturais, considerando as influências de tais atravessamentos e seus significados subjetivos. Para tanto, recomendou-se o uso de metodologias de pesquisa que explorem narrativas e relatos de experiências (FRIESEN, 2023).

Por outro lado, uma comparação entre as origens dos autores das pesquisas e as origens das populações pesquisadas reflete justamente um desequilíbrio tal qual explicitado no parágrafo anterior. Primeiramente, todas as pesquisas realizadas a partir de metodologias autobiográficas (ou análise de relatos autobiográficos) retratam experiências de trabalhadores humanitários internacionais (ADHYARU; GUCHAIT, 2024; ASGARY, 2020; FRIESEN, 2023). Além disso, dos onze artigos incluídos na revisão, apenas dois (ELNAKIB et al., 2021; KHAN et al., 2023) possuem co-autoria de pesquisadores do Sul Global (vide figura 3). Ora, a maioria dos estudos é dedicada (exclusivamente ou não) a trabalhadores locais de países do Sul Global, utilizando-se de metodologias que envolvem coletas de dados (geralmente, por meio de entrevistas semi-estruturadas) posteriormente submetidos à análise do pesquisador. Portanto, na maior parte das vezes, trata-se de um conhecimento sobre o Sul Global produzido pelo Norte Global. Isto é, quem conta a história não costuma ser quem de fato a vivenciou.

Não se trata aqui de invalidar os conhecimentos produzidos: eles não são “incorretos”. Trata-se de questionar seu alcance, pois eles são parciais. É preciso refletir sobre os significados e as implicações de seus modos de produção. Para tanto, podemos recorrer a AmatuZZi (2018, p. 19–20):

“O ato científico concreto nunca é neutro: ele se insere num contexto de sentido e serve a alguma direção do caminhar humano. [...] aquilo que eu vejo depende do ponto de vista a partir do qual me coloco para olhar. É só dentro de um posicionamento de compromisso com o ser humano como um todo – coisa que não é nada abstrata, mas acarreta até posições políticas – que meus olhos se abrem para determinados aspectos do ser humano, ou que me disponho a pesquisar determinados problemas e de um determinado modo.”

Ou seja, enquanto seres-no-mundo, tudo o que vemos é visto por olhares que já possuem direcionamentos, ancorados em sentidos e afetos construídos desde que abrimos nossos olhos pela primeira vez. Portanto, quando conto a história do outro, estou contando a história que consegui captar do outro, a partir do meu ponto de vista – meus valores, minhas crenças, minha visão de mundo, meu repertório cultural, as possibilidades linguísticas do meu idioma, etc. Isto implica que esta história será naturalmente povoada, ocupada, colonizada pelo meu referencial. E da mesma forma que uma piada pode perder a graça quando contada em outra língua,

uma história pode perder seu cerne e sua identidade quando o narrador é estranho à narrativa.



Figura 3 - Mapa das origens dos autores (elaborado pela autora)

Essa discussão ecoa com os aportes de Linda Alcoff (2016) a respeito da importância de se compreender como é produzido o conhecimento a respeito de determinada temática e como esse modo de produção contribui para a eventual manutenção do *status quo*. Aqui, cabe questionar: como e por quem o conhecimento sobre os trabalhadores humanitários é produzido? Quais metodologias são valorizadas e quais são menosprezadas? A quais grupos e interesses esta produção atende? Quais populações e culturas são esquecidas e permanecem sem espaço de expressão, significação e ação? Quem conta a história de quem? Em síntese, se “é só como história contada que podemos existir” (BRUM, 2019, p. 97), quem está intitulado à existência no ambiente laboral humanitário?

Esta é uma reflexão que vale para qualquer objeto de estudo, sendo especialmente relevante quando este concerne a grupos atravessados pelos diversos marcadores sociais e suas interseccionalidades. A esse respeito, Houldey (2019), refletindo sobre suas experiências enquanto trabalhadora humanitária, adverte justamente para o risco de construirmos identidades pré-concebidas e estanques em torno de determinadas categorias. Em sua tese de doutorado, a autora demonstra que recortes de raça, gênero, classe socioeconômica, religião e nacionalidade não são necessariamente preditores de experiências similares entre os profissionais que compartilham características comuns, ressaltando as complexidades que cada contexto carrega e que pedem por investigações sensíveis a elas. Pensando nisso, para se alcançar uma maior compreensão da experiência vivida dos trabalhadores humanitários atentando para os atravessamentos interseccionais que influenciam seus sofrimentos, Houldey (2019) encoraja a condução de pesquisas autoetnográficas.

Em suma, reconhecer que há cenas e complexidades que nosso olhar não consegue alcançar pode ser um convite para, como propõe Pillay (PILLAY, 2019, p. 15), “a complementaridade e inclusão de filosofias, metodologias e ideias, [para] transcender formas limitantes de pensar, ser e fazer”. Isto é, não se trata de traçar uma linha intransponível entre pessoas com experiências distintas que não dialogam entre si – pelo contrário, se estar-com-o-outro é motivador e protetor, a ideia é que a rota seja compartilhada e que se tire proveito da multiplicidade de olhares e pontos de vista. Mas, para que isso ocorra de forma respeitosa, temos de abandonar uma certa ingenuidade complacente para adotar uma postura crítica, consciente de que nossas percepções estão atreladas aos nossos referenciais (AMATUZZI, 2018). Isto implica reconhecer as heranças históricas e culturais e refletir sobre o que elas significam para as relações e o que elas implicam nos modos de produção de conhecimento e cuidado.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho partiu de uma preocupação com a saúde mental e qualidade de vida dos trabalhadores humanitários, cujo ofício sustenta a assistência a tantas populações em vulnerabilidade ao redor do mundo. Entendendo a importância de se conceber modos e dispositivos de cuidado voltados para esses profissionais, buscou-se investigar os fatores motivacionais e protetivos associados ao trabalho humanitário por meio de uma revisão integrativa de estudos mistos e qualitativos publicados nos últimos cinco anos na literatura científica internacional.

Após procedimentos criteriosos de coleta e discriminação de dados (vide figura 1), foram selecionados 11 artigos (vide tabela 1), de cuja análise extraiu-se dois eixos temáticos principais. Estes últimos distribuem os resultados entre as esferas (1) intra e interpessoal e (2) organizacional (vide figura 2). Os temas identificados sob os eixos supracitados foram discutidos a partir de um referencial fenomenológico-existencial, ressaltando-se alguns pontos que espera-se poder iluminar possibilidades de atuação da Psicologia e da clínica psicológica junto aos trabalhadores humanitários.

As reflexões levantadas a partir da revisão de literatura giram em torno do processo de elaboração de sentidos e suas implicações. Somos seres de experiências que contam histórias, e atribuir significados ao que nos acontece é o que nos possibilita tecer narrativas a partir das quais compreendemos e construímos nossa existência. É também por meio de tais narrativas que se abrem as diversas possibilidades de se lidar criativamente com o sofrimento uma vez que, nas belas palavras de Hannah Arendt (2016), “toda dor pode ser suportada se sobre ela puder ser contada uma história”.

Esta compreensão possui alguns desdobramentos importantes no que tange à concepção de cuidados em saúde psicológica. A nível individual, entende-se que desenvolver a autoconsciência é uma premissa essencial, cabendo a cada um buscar esse conhecimento sobre si dentro das relações estabelecidas com os outros, com os eventos da vida, com as angústias inerentes à condição humana, com os próprios limites e potencialidades, etc. Já a nível coletivo, esse achado reforça a importância de se ancorar as ações em saúde numa compreensão honesta da realidade à qual elas serão destinadas. Partindo da concepção de homem como ser-no-mundo, isto significa adotar um olhar que apreenda essa realidade na

totalidade de seu contexto histórico, cultural, socioeconômico e político – terreno particular sobre o qual se dão as relações e se criam significados.

A isto, acrescenta-se o imperativo de se adotar uma perspectiva crítica no que tange à produção de conhecimento, reconhecendo-se a não neutralidade da pesquisa científica e problematizando-se seu alcance. Para ilustrar esse tipo de reflexão, conduziu-se uma análise sobre as regiões de origem das pesquisas incluídas na revisão de literatura, a partir da qual constatou-se uma grande predominância de autores provenientes do Norte Global, geralmente estudando populações do Sul Global.

Essa análise vai ao encontro de impressões presentes em teses recentes de mestrado e doutorado acerca da herança colonial e dos mecanismos de poder que permanecem entranhados nas práticas e nas dinâmicas de funcionamento do setor humanitário, cujo referencial eurocêntrico, ao legitimar determinadas narrativas em detrimento de outras, perpetua justamente as mesmas desigualdades que o humanitarismo se propõe a combater (FRIESEN, 2016; HOULDEY, 2019; PILLAY, 2019).

Diante disso, entende-se que cuidar da saúde psicológica dos trabalhadores humanitários pede transformações estruturais e institucionais, o que requer múltiplas frentes de intervenção voltadas para diferentes fontes de adoecimento e diferentes grupos com necessidades advindas das condições de suas existências singulares. No que concerne à porção estrutural que sustenta boa parte desses sofrimentos, faz-se necessário elaborar uma agenda de ações que penetrem hábil e efetivamente na complexa trama de interesses geopolíticos, dinâmicas institucionais e estruturas de poder envolvidos.

Contudo, os frutos dessa empreitada, embora imprescindíveis, não amadurecem na velocidade necessária para atender às necessidades imediatas dos trabalhadores humanitários (KHERA; WELTON-MITCHELL; MITCHELL, 2024). Portanto, ao passo que se trabalha para a concretização de reformas estruturais, há que se pensar concomitantemente em atalhos que permitam prestar assistência a esses profissionais desde já (YOUNG et al., 2022).

A esse respeito, as temáticas identificadas a partir da revisão de literatura que compõe esta monografia fornecem pistas para possíveis caminhos de pesquisas científicas, políticas e programas organizacionais, e até mesmo diálogos e intervenções na clínica psicológica individual ou grupal (vide figura 2).

Dito isso, este trabalho não pretende oferecer respostas prontas, mas, sim, levantar perguntas, provocar reflexões e alimentar a consciência crítica necessária ao exercício de uma clínica psicológica decolonial e à concepção de políticas de saúde efetivas. Através dessas provocações, espera-se encorajar novas possibilidades de diálogos enriquecidos por metodologias, fontes e autores diversos, provenientes de contextos socioeconômicos e culturais distintos e com maior representatividade.

Tal multiplicidade combate o perigo de reproduzirmos ingenuamente histórias únicas, isto é, narrativas que reduzem pessoas e situações a determinados enredos que congelam identidades e criam pré-concepções incompletas (ADICHIE, 2021). Ora, na Psicologia Existencial, não trabalhamos com histórias únicas. Ao contrário, educados pela fenomenologia para não repousar em certezas e, nas palavras de Rilke (2013), “amar as perguntas”, é precisamente na pluralidade das histórias e na resignificação de narrativas que apostamos. Portanto, sigamos narrando e apostando, mas atentando para que haja espaço para todos os narradores.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACTIVE LEARNING NETWORK FOR ACCOUNTABILITY AND PERFORMANCE IN HUMANITARIAN ACTION. **The State of the Humanitarian System**. [s.l.] ALNAP, 2022.

ADHYARU, J. S.; GUCHAIT, A. Working with Afghan Evacuees: Field Reflections on Five Useful Supervision Questions for Crisis Intervention Workers. **Journal of Refugee Studies**, v. 37, n. 1, p. 230–239, 28 mar. 2024.

ADICHIE, C. N. **O perigo de uma história única**. Tradução: Julia Romeu. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2021.

ALCOFF, L. M. Uma epistemologia para a próxima revolução. **Sociedade e Estado**, v. 31, n. 1, p. 129–143, abr. 2016.

AMATUZZI, M. M. **Por uma psicologia humana**. [s.l.] Alínea, 2018.

ARENDT, H. **A condição humana**. [s.l.] Não definido, 2016.

ASGARY, R. Caring for Rohingya Refugees With Diphtheria and Measles: On the Ethics of Humanity. **The Annals of Family Medicine**, v. 18, n. 2, p. 176–178, mar. 2020.

BIREME. **Descritores em Ciências da Saúde/Medical Subject Headings (DeCS/MeSH)**. Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), , 2018. Disponível em: <<https://decs.bvsalud.org/>>. Acesso em: 3 maio. 2025

BRECKENRIDGE, M.-J. et al. **Aid Worker Security Report 2024: Balancing advocacy and security in humanitarian action**. [s.l.] Humanitarian Outcomes, ago. 2024. Disponível em: <https://humanitarianoutcomes.org/AWSR_2024>. Acesso em: 23 mar. 2024.

BRUM, E. **Meus desacontecimentos: a história da minha vida com as palavras**. 2. ed. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2019.

CAMERON, L. et al. The occurrence of and factors associated with mental ill-health amongst humanitarian aid workers: A systematic review and meta-analysis. **PloS One**, v. 19, n. 5, p. e0292107, 2024.

CANTON, L. G. Disaster Planning and Management: Does One Leadership Style Work for Both? **Journal of Leadership Studies**, v. 7, n. 3, p. 47–50, set. 2013.

CARDOSO. **Um estudo fenomenológico sobre a vivência de família: com a palavra, a comunidade**. [s.l.] Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2007.

CECIL, D. P. et al. The lived experiences of social workers working with refugees in Lebanon. **Journal of Social Work**, v. 22, n. 2, p. 518–538, mar. 2022.

ELNAKIB, S. et al. Providing care under extreme adversity: The impact of the Yemen conflict on the personal and professional lives of health workers. **Social Science & Medicine**, v. 272, p. 113751, mar. 2021.

EVANGELISTA, P. E. R. A. **O que pode um psicólogo fenomenológico-existencial: Questionamentos e reflexões acerca de possibilidades da prática do psicólogo fundamentadas na ontologia heideggeriana**. Doutorado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano—São Paulo: Universidade de São Paulo, 2015.

FOO, C. Y.; VERDELI, H.; TAY, A. K. Humanizing work: occupational mental health of humanitarian aid workers. Em: **The SAGE handbook of organizational wellbeing**. [s.l.: s.n.].

FRIESEN, I. **The Experiential Core of the Humanitarian Vocation: an analysis of the autobiographical narratives of contemporary humanitarians**. [s.l.] University of Kent, 2016.

FRIESEN, I. Humanitarians' ethics: the role of face-to-face experiences in humanitarian aid workers' motivation. **Disasters**, v. 47, n. 1, p. 23–41, jan. 2023.

GOULART, S. M. DA S. **Modos de Vida no Contemporâneo - Sofrimento, Compulsão e Tédio: Sofrimento, Compulsão e Tédio**. Rio de Janeiro, RJ: Ifen, 2021.

GRIFFIN, M. A.; NEAL, A.; PARKER, S. K. A New Model of Work Role Performance: Positive Behavior in Uncertain and Interdependent Contexts. **Academy of Management Journal**, v. 50, n. 2, p. 327–347, abr. 2007.

HAGUES, R. et al. Refugee social work in Lebanon: does the faith of the social worker provide support? **Journal of Religion & Spirituality in Social Work: Social Thought**, v. 40, n. 3, p. 326–348, 3 jul. 2021.

HOULDEY, G. V. **The vulnerable humanitarian: discourses of stress and meaning-making among aid workers in Kenya**. thesis—[s.l.] University of Sussex, 4 jun. 2019.

HYCNER, R.; JACOBS, L. **Relação e cura em gestalt-terapia**. São Paulo: Summus, 1997.

INTER-AGENCY STANDING COMMITTEE. **Introduction to Humanitarian Action: a brief guide for resident coordinators**. , 2015. Disponível em: <https://interagencystandingcommittee.org/sites/default/files/migrated/2016-04/rc_guide_31_october_2015_webversion_final.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2025

JOSEPH, S.; LINLEY, P. A. Positive Adjustment to Threatening Events: An Organismic Valuing Theory of Growth through Adversity. **Review of General Psychology**, v. 9, n. 3, p. 262–280, set. 2005.

KALLSTRÖM, A. et al. I don't leave my people; They need me: Qualitative research of local health care professionals' working motivations in Syria. **Conflict and Health**, v. 16, n. 1, p. 1, dez. 2022.

KENT, L. **How the US foreign aid freeze is intensifying humanitarian crises across the globe**. Disponível em: <<https://www.cnn.com/2025/02/04/world/usaid-us-foreign-aid-freeze-humanitarian-crises-intl>>. Acesso em: 28 fev. 2025.

KHAN, F. et al. Exploring the self-preparedness of frontline healthcare workers in a low- and middle-income country from a humanitarian context during the COVID-19 pandemic: A constructivist grounded theory study. **Frontiers in Public Health**, v. 11, 27 mar. 2023.

KHERA, M. L. K.; WELTON-MITCHELL, C.; MITCHELL, G. V. Moral Distress in Humanitarian Aid Workers: How Decolonising Aid Benefits Us All. **Intervention Journal of Mental Health and Psychosocial Support in Conflict Affected Areas**, v. 22, n. 1, p. 64, abr. 2024.

LÄNGLE, A. The existential fundamental motivations structuring the motivational process. Em: **Motivation, Consciousness and Self-Regulation**. [s.l.] Nova Science Publishers,

2011. p. 27–42.

LUCZINSKI, G. F.; ANCONA-LOPEZ, M. A psicologia fenomenológica e a filosofia de Buber: o encontro na clínica. **Estudos de Psicologia (Campinas)**, v. 27, n. 1, p. 75–82, 2010.

MADEIRA, C. **Tudo é rio**. [s.l.] Editora Record, 2020.

MCCORMACK, L.; LOWE, B. Making meaning of irreconcilable destruction of innocence: National humanitarian professionals exposed to cybercrime child sexual exploitation in the Philippines. **Child Abuse & Neglect**, v. 131, p. 105770, set. 2022.

MONTAUTI, C. Occupational support for aid workers: Aid Organizations' Stress Prevention and Intervention (AOSPI): A model. **EWOP in Practice**, v. 17, n. 1, 30 abr. 2023.

OLIVEIRA, M. T. E. **A Desconstrução do Eurocentrismo nas Organizações Humanitárias: um estudo sobre a organização Médicos sem Fronteiras (MSF) no Brasil (2006-2021)**. [s.l.] Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2021.

PILLAY. **A Critical Review of the Mainstream Approaches to Humanitarian Aid Practice and Support Systems: an autoethnographic inquiry into the social, political and cultural experiences of a humanitarian worker**. [s.l.] University of York, 2019.

PORTER, B. et al. The impact of providing end-of-life care during a pandemic on the mental health and wellbeing of health and social care staff: Systematic review and meta-synthesis. **Social Science & Medicine**, v. 287, p. 114397, out. 2021.

RILKE, R. M. **Cartas a Um Jovem Poeta**. 1. ed. [s.l.] Lpm Editores, 2006.

RILKE, R. M. et al. **Cartas a um jovem poeta ; A canção de amor e de morte do porta-estandarte Cristóvão Rilke**. 4. ed., rev ed. São Paulo: Globo, 2013.

SALEM, M.; VAN QUAQUEBEKE, N.; BESIQU, M. Aid worker adaptability in humanitarian operations: Interplay of prosocial motivation and authoritarian leadership. **Production and Operations Management**, v. 31, n. 11, p. 3982–4001, 2022.

SILVEIRA, D. R.; MAHFOUD, M. Contribuições de Viktor Emil Frankl ao conceito de resiliência. **Estudos de Psicologia (Campinas)**, v. 25, n. 4, p. 567–576, dez. 2008.

TEIXEIRA. Introdução às abordagens fenomenológica e existencial em psicopatologia (II): As abordagens existenciais. **Análise Psicológica**, v. 15, n. 2, p. 195–205, 1 jun. 1997.

TEIXEIRA, J. A. C. Introdução à psicoterapia existencial. **Análise Psicológica**, v. 24, n. 3, p. 289–309, 2006.

UNITED NATIONS. **United Nations System Mental Health and Well-being Strategy for 2024 and beyond**. [s.l.: s.n.]. Disponível em:

<https://www.un.org/sites/un2.un.org/files/un_system_mental_health_and_well_being_strategy_for_2024.pdf>. Acesso em: 17 dez. 2024.

UNITED NATIONS OFFICE FOR THE COORDINATION OF HUMANITARIAN AFFAIRS.

Global Humanitarian Overview 2025. [s.l.: s.n.]. Disponível em:

<<https://www.unocha.org/publications/report/world/global-humanitarian-overview-2025-enarfr es>>. Acesso em: 23 mar. 2025.

VAN DEURZEN, E. Existential Therapy. Em: **The Handbook of Individual Therapy**. 6. ed. Londres: SAGE Publications, 2014. p. 155–178.

VELOSO, G. F. **Fatores de risco psicossociais do trabalho**. São Paulo, SP: Ltr Editora, 2024.

VIAL ROEHE, M.; DUTRA, E. Dasein, o entendimento de Heidegger sobre o modo de ser humano. **Avances en Psicología Latinoamericana**, v. 32, n. 1, p. 105–113, 13 jan. 2014.

WHITTENBURY, K. et al. Strengths for Helping Professionals Exposed to Secondary Trauma: A Scoping Review. **Trauma, Violence, & Abuse**, v. 26, n. 2, p. 251–264, 1 abr. 2025.

WORDEN; SAEZ. **Shifting Power in Humanitarian Nonprofits: a review of 15 NGO Governing Boards**. [s.l.] Center for Global Development, 2021. Disponível em: <<https://www.cgdev.org/sites/default/files/Shifting-power-humanitarian-NGOs-boards.pdf>>. Acesso em: 21 abr. 2025.

YOUNG, T. et al. Predictors of mental health in aid workers: meaning, resilience, and psychological flexibility as personal resources for increased well-being and reduced distress. **Disasters**, v. 46, n. 4, p. 974–1006, out. 2022.